ANO 14.º LISBOA — QUARTA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1934 N.º 4255

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UMA FIGURA NACIONAL QUE DESAPARECE

Morreu hoje o dr. Brito Camacho

Não morre alguem todos os dias. Não sobram em Portugal os valores integros, os homens perfeitos de caracter e inteligencia fundidos num bronze unico. A morte de Brito Camacho corresponde á morte de alguem.

Personalidade que se vincou na vida portuguesa, através da politica e das letras, por um traço original inconfundivel, que não era o do desenho exterior da figura mas o do merecimento e da razão — Brito Camacho fez parte deste meio seculo agitado da sociedade que vive á superficie, e nela sonha, age, combate, e nunca se resigna á mediocridade, á estagnação da propria alma.

A sua morte, quasi inesperada, surpreendeu e comoveu. Impressionou mesmo — por que não afirmá-lo? — os seus adversarios de ideias e de actos, esses adversarios que todos os lutadores têm. Em Brito Camacho residiam defeitos, que todos os homens possuem e virtudes civicas e pessoais que raros têm.

Austero e risonho, fernel e tolerante, contraditorio nunca consigo mesmo, coerentes com a primeira palavra da mocidade e com a ultima visão das coisas terrenas — o morto desta manhã, que lutou pela Republica e pela Patria, soube bater-se (e não só com [illegible]), passou muito acima do [illegible] médio dos homens do nosso tempo.

[illegible] critico, visionario também [illegible] os de ha quarenta anos, [illegible] romantismo mas afirm[illegible] [illegible]bilidade.

[illegible] raros ascenderam [illegible] paramos da beleza [illegible] superior dos espi[illegible] de oiro. Politico, homem de [illegible], parlamentar e polemi[illegible] não se ficou á vitu[illegible], mas foi suficien[illegible], e sobretudo digna, para da sua [illegible] se colherem exemplos.

Na [illegible] e na moral privada foi [illegible]sivel.

Na [illegible] e aparente [illegible] da figura do Chiado — foi encantador, como um diplomata do seculo passado.

O regime, que ele ajudou a fundar, e que desde os 15 anos defendeu, deve-lhe, além de outros inumeros serviços, [illegible] de todos, exemplo de hon[illegible] de isenção politica [illegible] caracter.

[illegible]-no os republicanos; lamentam a sua morte os que o não são ou nunca foram capazes de o ser.

Na camara ardente

A morte de Brito Camacho foi imprevista. Não houve doença, quasi não houve agonia. Embora tivesse ha duas semanas guardado o leito, entrara, nos ultimos dias, em franca convalescença. Ainda ante-ontem, pela tarde dourada, ele que era uma figura do Chiado, o atravessou, devagarinho, mãos atrás nas costas, segurando a sua velha bengala, dos tempos da propaganda, os bigodes eriçados e os cabelos fartos, hirsutos, sal-apimentados, caindo em grandes repas do chapeu, descuidadamente amachucado. Cumprimentaram-no. Ele sabia ser cortês, quando o queria, unica maneira tambem de evitar as camaradagens excessivamente familiares. Ha tempos que trocara a Brasileira pelo Chiado, onde, entre uma roda de amigos, ele era o supremo oraculo da ironia literaria, politica e jornalistica. Nunca se afastava muito da sua arteria preferida. Por vezes, subia a rua do Mundo,

Dr. Brito Camacho

— nunca tinha pressa — até á Livraria Guimarães, que lhe editava os livros. Ai, com Ferreira de Castro, o falecido Delfim Guimarães, o actor Carlos Santos, Julião Quintinha, a poetisa Alice Ogando, Manuel Ribeiro, quando aparecia, e o jornalista Gomes Monteiro, ele fazia, com *boutades* faiscantes, a cronica maldizora, terrivel, demolidora, desta Lisboa — desde as redacções aos ministerios. Sabia tudo, e quando o não sabia, inventava.

Brito Camacho ha muitos anos que residia na rua Anchieta, numa velha casa pombalina, cuja frente deita para um dos lados da igreja dos Martires. A casa de Deus e a casa do ateu. Sobem-se uns degraus de pedra, de penumbra gelada, depois quatro patamares, e é, lá em cima, no segundo, á esquerda.

O politico vivia ali com a sua familia, irmãs e cunhados, mas com o seu feitio agreste isolado, de contacto glacial, escolhera duas dependencias uma com porta independente, onde era o seu quarto de cama, e outra, contigua, onde tinha o escritorio. Tudo simples, com ar antigo de pobreza remediada.

No quarto de dormir, forrado a oleado verde, ha apenas tres moveis. A cama, onde faleceu, pequena, baixa, banal, de nogueira clara, um guarda-fato que devia ter pouco uso, de *imagens* e de chaves, e um *toilette*, apenas, com um pente e uma escova. Cortinas nas janelas, coando a luz do dia, e numa *etagère* de angulo um busto dum garotito em gesso, a querer sorrir ironico.

No seu escritorio, ha três estantes, com livros escolhidos, Vitor Hugo, Aquilino, Latino Coelho, um velho exemplar do *Mundo*, talvez com alguma diatribe contra ele, a biblioteca cientifica do Felix Alcan, tudo isto a trouxe-mouxe sem catalogação possivel. Os moveis vêm abaixo com os livros, que pejam as cimalhas, numa avalanche de titulos e de generos. A um canto um *fauteuil*, pouco cansado, com um cinzeiro e um quebra luz ao lado. A mesa de trabalho é vulgarissima, e quando lá fômos — já estava ocupada, com a folha tarjada dos pesames e um tinteiro monumental, que não devia ser o do escritor. Este quadro, porém, o ultimo da sua vida intima, já um pouco ordenado pelos homens da agencia funeraria, não nos tira da visão, noutras horas, noutras epocas, o que eram aquelas duas quadras, com montanhas de livros que se desmoronavam, por aqui e ali, nas banquinhas de cabeceira, pelas cadeiras, sobre o leito, palpitantes ainda de leitura.

A morte de Brito Camacho foi uma coisa simples, duma grande dignidade humana.

Ele, que tantas vezes troçou dela, viu-a de perto, não em ansiedades torturantes, mas como um compromisso fatal da existencia.

Pela madrugada, precisamente, ás 5 e 55, um sobressalto terrivel fê-lo acordar. Ja clareava. Resquicios de luz entravam pela janela. Chamou, aflito. Custava-lhe a respirar. As mãos, no peito, tentavam abri-lo. Era o coração, tumefacto, queixando-se da vida. A' pressa, chamou-se o seu medico assistente, o dr. Martins Pereira, mas veio o sr dr. Ravara Alvares, que diagnosticou a angina pectoris. A crise foi demorada, uns trinta e cinco minutos. Camacho, na agonia, sentindo a morte a estrangulá-lo, mas lucido, não fez frases. Limitou-se a olhar os seus, mais demoradamente a irmã, que ha pouco enviuvara. Escondiam-lhe as lagrimas, como se ele com o seu realismo implacavel, não as adivinhasse. Falavam-lhe, mas não respondia. Continha a dôr. De resto, o medico que ele nunca quiz ser na vida, deve ter-lhe aparecido, no final, esclarecendo-o sem sombra de ilusão. Até que, pelas 6 e 30, no seu quarto modesto, entre as sombras dos parentes, a cabeça rolou na almofada, num ultimo suspiro.

O cadaver inchou, a epiderme das mãos tingia-se dum azul negro, e a mascara, tumefacta, alargou-se. Um pequeno traço vermelho, na fronte, alta como uma torre, revolta de cabelos, mal tratados, do bigode espigado, adensando-se nas comissuras dos labios, donde saia um fio de espuma. Nos sobrolhos terriveis, parecia ainda fulgurar um relampago de colera. Juntaram-se num traço duro, crispado.

Tiraram-no do leito e vestiram-no, com o *fraque*, de ministro, colarinho mole e gravata preta, tudo enrugado e desajeitado.

Entrou na morte, como tinha andado na vida — com a barba por fazer e a inteligencia limpa de mentiras. A's dez horas começaram a chegar os primeiros amigos. Deu-se um arranjo ao quarto. Para o fundo da casa, havia lagrimas sentidas. Mas nem uma flor, o que seria talvez, profaná-lo. A morte nua, absoluta, rigida, sem decorações, nem convenções. Mais tarde chegava o caixão, forrado de chumbo. A mortalha foi um lençol de linho. Talvez fiado e tecido com as estrigas da sua terra. Por vezes, um fio de lagrimas vinha pelo corredor. Era uma mulher, com os olhos roxos, que se debruçava, piedosamente, sobre o cadaver, acarinhando-lhe os cabelos. Este homem, tambem tinha ternura, mas escondia-a como um crime.

Já depois do meio dia, entraram na camara ardente, o dr. Azevedo e Silva, grande figura da Republica, que pouco a pouco vai esquecendo, sombra augusta da lei, e o dr. Aresta Branco, amigo de Brito Camacho desde os bancos da escola. Ao encarar o cadaver acometeu-o uma crise de lagrimas. Os seus cabelos brancos vergaram sobre a urna, como se um golpe á traição lhe tivesse dobrado a cerviz altiva.

Depois meteu-se para o gabinete de trabalho, e apoiando-se, numa estante, chorou toda a tarde, como uma criança, sem receio de que o vissem,

(Vêr continuação na pagina central)

TEATROS E CINEMAS

Sexta feira: "O Domador de Sogras"

Ha nomes que seria ridiculo crivar de adjectivos e dois deles são os das principais figuras do Variedades: Adelina Abranches e Lucilia Simões. Reunidas ambas na mesma companhia, a do Variedades, sob a direcção artistica de Erico Braga, ambas acabam de nos dar uma série de espectaculos deliciosa com a peça de Eduardo Schwalbach, A Bisbilhoteira. *Na sexta-feira, as mesmas duas actrizes, primando de novo o cartaz da encantadora* boite, *do Parque Mayer, vão reaparecer ao mesmo publico que as aplaudiu na primeira obra, realizando outra, igualmente hilariante, engraçadissima, como aquela, capaz de fazer rir o mundo inteiro:* —O Domador de Sogras. *Aprestemo-nos, pois, para a* primeira *que Lisboa nos oferece esta semana e preparemo-nos para fazer duas interpretações notabilissimas, Adelina, na sua velha criada* Rita, *que é um monumento de comicidade e Lucilia, na austera* Marquesa de Riba Fresca, *que é um assombroso de caricatura. Ao lado delas, um grupo fresco e moço de juventudes, um nucleo de artistas consagrados: Maria Sampaio, Josefina Silva, Elvira Velez, Antonio Silva, Alfredo Ruas, José Gamboa e Henrique Pereira.*

Atrás do reposteiro

Os fenomenos do teatro!... Conhece-os especialmente quem lá vive dentro, ou quem por dever de oficio por lá tem que andar. São curiosos, fatais, obedecendo não sabemos a que regra, mas sempre precisos na hora propria. Peça de que os artistas desdenhem, que ensaiem de má vontade, que profetizem um desastre, é peça vitoriosa, triunfante, de que o publico gosta, de que a critica diz bem. Peça proclamada antecipadamente um modelo de graça, ou um exemplo de beleza, é espectaculo no fundo, ou penitencia que o empresario tem de cumprir até se redimir do... pecado. E o que sucede com a peça sucede, noutro fenomeno, igualmente curioso, com as *tournées*. Pode anunciar-se a primeira maravilha do mundo, mas se os empresarios da provincia não lhe *sentirem o cheiro*, se percebem que nelas vai *gato por lebre*, nem respondem ás solicitações dos seus organizadores, especialmente quando estes não têm categoria nenhuma.

—Vindo de Espanha e de uma larga digressão pelo nosso país, chegou a Lisboa o abastado capitalista sr. Vitor Fernandes, proprietario, no Rio de Janeiro, do Palace Teatro, acompanhado de sua familia.

—E' hoje que a companhia do Variedades vai a Setubal representar a comédia *A Bisbilhoteira*, no Teatro Recreio do Povo, havendo naquela cidade grande interesse por este espectaculo.

—O grupo artistico masculino do elenco da companhia Hortense Luz, para a sua «tournée» pelo país, é formado pelos actores: Jorge Gentil, Octavio Bramão, João Silva Junior, José Vitor, Alfredo Pereira, Betencourt Ataide e João Guerra.

—Ao contrario do que dizia um jornal de ontem, no dia 21 do corrente não chega ao Funchal a companhia Deolinda de Macedo, porque é nessa data que ela segue para aquela cidade, conforme noticiámos já.

—Beatriz Costa continua colhendo todas as noites a maior ovação da sua carreira de artista, na interpretação do *Zagalo da Serra da Estrela*, que realiza na revista do Trindade, *Lua Cheia*, no quadro *Pastores*.

—Ragressou de Ferreira do Alentejo, levemente incomodado de saude, o empresario Antonio de Macedo, que neste momento está preparando a temporada do Carlos Alberto do Porto.

—O capitalista dos teatros Apolo, Variedades e Carlos Alberto, do Porto, é o mesmo, sendo as três empresas dirigidas pelo sr. Antonio de Macedo.

—Por agora, a unica «réprise» incluida no repertorio que a companhia Maria Matos exibirá este inverno, é a da comédia de André Brun, *A vizinha do lado*, em que esta artista tem uma grande criação comica.

—Está em Lisboa Claudina Ferreira, uma das mais galantes «girls» do nosso teatro de revista, por ventura a mais castiçamente portuguesa.

—Anuncia-se para breve o casamento de um novel escritor teatral, muito aplaudido, recentemente até, herdeiro de um nome glorioso do nosso teatro, lamentavelmente já desaparecido da vida.

—Vasco Santana para em tudo se afirmar um artista moderno, acaba de obter do seu empresario José Loureiro, qualquer coisa que o tornará mais notado ainda, na popularidade de que goza em Lisboa.

—Regressa dentro de dias, de Moledo do Minho, onde fo iverancar, o actor Clemente Pinto, contratado da empresa José Loureiro.

—A musica da fantasia *O fim do mundo*, que se encontra em ensaios no Coliseu dos Recreios, é toda original da autoria do dr. José Pais, antigo director do Orfeão de Coimbra, e de Anselmo Lopes Vieira.

—Nascimento Fernandes e Vasco Santana, ao lado de Amelia Pereira, são os três grandes comicos da comédia do Avenida, como Brunilde Judice é a protagonista ideal de *Uma noiva para dois*.

—Deve chegar hoje a Lisboa o empresario do Politeama sr. Luiz Pereira, a fim de assentar definitivamente a exploração proxima do seu teatro.

—E' na proxima segunda-feira que se realiza, na Malveira, uma festa de homenagem á actriz Beatriz Costa, inaugurando-se um teatro com o nome da popular actriz.

—Fez hoje anos o bailarino Janzen, ensceнador brilhante de *Lua Cheia* e actual *méteur-en-scéne* do Coliseu.

—Terão direito a gozar hoje, gratuitamente, uma das famosas atracções do Luna Parque as pessoas que adquirirem bilhete de entrada para o grande recinto da alegria e das diversões internacionais.

—No salão do Capitolio, além da revista «Arco Iris», exibe-se o super-filme «O terror dos Cabarets». No terraço desta casa de espectaculos exibem-se «O terror dos Cabarets» e «King-Kong», considerada a oitava maravilha do mundo.

Radio-Electricidade

Na Associação Comercial dos Lojistas realiza-se hoje, pelas 21 e 30, uma reunião da classe de T. S. F., a fim de serem tratados assuntos relativos a uma projectada exposição de Radio, ou de Radio-Electricidade.

COLEGIO VASCO DA GAMA
Av. Manuel da Maia — Arroios — Lisboa
Telegramas: Colegio-Lisboa — Telef. N. 2115
Educação moral — Educação fisica
CURSOS: Primario, Liceal, Comercial e Agricola
Excelentes resultados nos exames oficiais
— As aulas reabrem no dia 10 de Outubro —

Escola de Pedro Nunes
EXTERNATO PARA AMBOS OS SEXOS
R. SARAIVA DE CARVALHO, 216, 1.º

Uma atracção grátis hoje aos que adquirirem bilhete para o
LUNA-PARQUE
NOITE POPULAR
Entrada: 1$50
DOMINGO: Grande Festival Infantil. Matinée dedicada ás creanças

Os Bancos e Casas Bancarias que encerravam o expediente para o Publico ás 16 horas, passam, a partir do dia 24 do corrente, a fazê-lo ás 15 ½ horas prefixas, excepto aos sabados em que se mantem o anterior horario.

Lisboa, 18 de Setembro 1934.

REVOLTA DUMA TRIPULAÇÃO

que matou 8 passageiros

LONDRES, 19.—Informam de Kharbine á Reuter que os guardas manchus que se encontravam a bordo do vapor «Yinku» se revoltaram e mataram 8 passageiros, dos quais 5 eram japonêses, 2 coreanos e 1 chinês. Depois de terem lançado pela borda fora alguns passageiros e homens da tripulação, fugiram, não sem terem levado consigo grande quantidade de opio. O vapor ia para Kharbine. (Havas).

A agitação grevista

nos Estados Unidos

BELMONT (Carolina do Sul), 19.—Em frente da fabrica «United Products Corporation» travou-se esta manhã um violento tiroteio entre os grevistas da industrial textil e a guarda nacional, em consequencia do que resultou haver um guarda morto e nove feridos, dois dos quais em estado grave. (United Press).

Outra revolução em Cuba?

LONDRES, 19.—Informam de Havana á Reuter que corre a noticia de que rebentou uma revolução em varios pontos da ilha. Forças de metralhadoras ocuparam os telhados do palacio presidencial. Todas as forças da guarnição estão de prevenção rigorosa. (Havas).

Casal desavindo

O agente Luciano, da P. I. C., procede a investigações referentes a uma queixa apresentada pelo sr. Manuel Afonso, residente na calçada da Cruz da Pedra, 11, contra Maria Julieta Santana de Aguiar, com quem viveu maritalmente, e um individuo de nome Alvaro dos Santos, seu cumplice no roubo de alguns milhares de escudos.

Roubo de papeis de credito

O sr. José Teodoro Dias Soares, residente na rua Braamcamp, 11, 3.º, apresentou queixa na P. I. C. de que lhe furtaram cem titulos da divida publica no valor de dez mil escudos. A Policia vai proceder a investigações.

Acusações em carta anonima

A Policia está a proceder a varias diligencias acêrca duma carta anonima que foi enviada ao sr. dr. Alves Monteiro, director da P. I. C., e na qual são acusados os proprietarios duma policlinica de Lisboa de terem praticado varias burlas.

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$05,0	110$20,0
Paris	1$46,8	1$47,0
Madrid	3$04,3	3$04,7
New-York	21$98,5	22$01,5
Zurich	7$26,1	7$27,1
Roma	1$90,8	1$91,1
Bruxelas	5$22,6	5$23,3
Amsterdão	15$09,0	15$11,1
Berlim	8$89,2	8$90,5
Praga	$92,6	$92,7
Rio de Janeiro	1$56,1	1$56,4
Libra ouro	—	—

Tomam já TRANQUILINA
Todos os espectadóres que já foram ao
AVENIDA
Rir e aplaudir a super-comedia
Uma noiva para dois
A unica em espectaculo inteiro
TODAS AS NOITES — A's 9,45 horas

LUA CHEIA
Triunfo artistico egual aos grandes acontecimentos internacionaes
A maior revista que Lisbôa tem visto
Todas as noites — Duas sessões
TRINDADE
com a formidavel atracção mundial
"L'INQUISITION"

Bebam a melhor agua de mesa
CASTELLO
MOURA

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Constança Castelbranco Pinto Basto, D. Guilhermina Bastos de Mendoça, D. Isabel Aires de Gouveia Alcoforado e Velho e D. Mecia de Magalhães.

CASAMENTOS

Pela sr.ª D. Maria Alves Tourais, esposa do sr. dr. Clementino Alves Tourais, foi pedida em casamento para seu filho José Julio, a sr.ª D. Maria Barbara Rebelo Plantier Martins, filha da sr.ª D. Balbina Plantier Martins e do sr. Guilherme Plantier Martins devendo a cerimonia realizar-se brevemente.

A CARIDADE

Em Santo Amaro

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, veraneando em Santo Amaro de Oeiras, realiza-se amanhã, no salão do Pavilhão Oceano, um chá dansante de caridade, cujo produto se destina a favor dos pobres do concelho de Oeiras, o qual será abrilhantado pelo eximio sextete «jazz-band» privativo do anexo.

Haverá um salão reservado para partidas de «Mah-Jong», «Bridge» e «Bluff».

As mesas para «chá» e para os varios jogos, marcam-se [illegible] Oeiras 72. Os bilhetes [illegible] à entrada.

Noite de Gala

[illegible] Casino [illegible] encantadora festa intitulada «Noite de Gala», em que tomarão parte os nossos melhores elementos das [illegible] da capital, bem como os interpretes do novo filme portuguez da Tobis, «As [illegible]», cujo produto se destina a favor da [illegible] balnear do nosso prezado colega «O Seculo».

A noite de amanhã, no Casino Estoril, vai decerto marcar pela animação e elegancia.

Festa infantil

Na tarde de domingo proximo, realiza-se na mata do Asilo de Santo Antonio do Estoril, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, uma interessante festa infantil de caridade, cujo produto se destina a favor das Obras Salesianas, filial das Oficinas de S. José, que constará de provas desportivas para crianças de ambos os sexos até quinze anos, merenda, chá e refrescos, havendo tambem outras diversões infantis.

VERANEIOS ELEGANTES

«SINTRA, 18 de setembro.—Meu caro Carlos.—Cá volto eu a falar de Sintra, a bela estancia de verão, para noticiar que está em preparação para o fim do mês corrente, uma interessante festa de caridade, a favor de uma benemerita instituição de caridade, para o que se está organizando a comissão de senhoras, que a levará a efeito, sendo o local escolhido, segundo dizem, o salão do Casino de Sintra, o mais amplo recinto para diversões.

Na avenida Barão de Almeida Santos, a pedido do administrador do concelho, continua todos os domingos á noite, até 30 do corrente, o «arraial» que tanto exito tem obtido, atraindo a Sintra uma enorme e selecta concorrencia.

A pedido do homenageado sr. D. Alberto de Velasco y Méra, fica sem efeito o banquete que lhe estava preparando um grupo de amigos, e que se devia realizar na noite de sabado proximo, no Hotel Costa, onde todas as noites, com excepção apenas das, em que ha cinema, se reunem as principais familias, dansando-se animadamente ao som do aparelho de telefonia, até perto da meia noite e meia hora, sempre num crescente de animação e alegria.

Brevemente darei mais notas sobre a elegante festa de caridade, que acima falo. — D. Nuno».

EM VIAGEM

Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria del Consuelo de Velasco y Méra de Benito Garcia, e seus filhos, regressou no seu automovel da digressão pelo norte de Portugal e Espanha, a Sintra, o nosso querido amigo sr. D. David de Benito Garcia.

—Regressou de Beira Alta, o tenente coronel sr. Augusto Esmeraldo Carvalhais, adjunto á direcção do protocolo do Estado.

—Para Nova York, onde vai completar os seus estudos, partiu no paquete «Saturnia» a sr.ª D. Gertrudes Gruber, filha da sr.ª de Gruber e do distinto engenheiro sr. R. Gruber muito conhecido e estimado entre nós.

—Regressou da praia da Granja, a Escalos de Cima, a sr.ª D. Maria Leonor Corrêa de Sampaio Botelho.

—Acompanhada de suas filhas, encontra-se no Estoril, a sr.ª D. Jeane von Gingelen.

—Com sua familia, partiu do Porto, para Pala, o sr. Eurico de Magalhães.

—Regressou ontem do norte, a distinta advogada sr.ª D. Maria da Gloria de Vasconcelos Simões Raposo.

—Regressou da Covilhã a Lisboa, o sr. dr. Antonio Fernandes Nogueira Junior.

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

EXERCITO E MARINHA

Escola Central de Oficiais

Em 22 do corrente, pelas 12 horas, o sr. Philip Guedalla, distinto escritor e historiador, realiza no Escola Central de Oficiais, em Caxias, uma conferencia subordinada ao titulo «Wellington's appreciations of the Militry Achievements of Portuguese», com a assistencia do sr. ministro da Guerra e de outras individualiddes em destaque no nosso meio militar.

«Defesa Nacional»

Saiu o n.º 5 da interessante revista «Defesa Nacional», cujo sumario é o seguinte: «Palavras do sr. general Silva Basto, chefe do Estado Maior do Exercito»; «As negociações do principe Lichnowsky» pelo dr. Eduardo Brazão; «As forças aereas» pelo major-aviador Alfredo Sintra; «A esquadrilha do Zambeze», pelo 1.º tenente Nawton da Fonseca; «A campanha de Timor», pelo coronel Faure da Rosa; «Fernão Colantes», «O desequilibrio europeu», pelo cap. do Basto Lima; «A marinha mercante factor importante da defesa nacional», por Antonio Marques Cordeiro; «A guerra russo-japonesa»; «Cartilha colonial», pelo coronel [illegible]; «O comandante», pelo capitão de fragata Oscar de Carvalho; [illegible] *Delim* e «[illegible]» [illegible] de Paz em caso de ataque [illegible].

Cursos da Universidade Livre

[illegible] Universidade Livre [illegible] na praça Luiz de Camões, n.º 36 [illegible] funcionando para o presente ano [illegible] que por [illegible] que, e [illegible] anos transactos se destinam [illegible] ás camadas populares [illegible] operarias, empregados do comercio [illegible] torio, etc.

No plano de organização entram as cadeiras de portuguez, francez, inglez, escrituração comercial, aritmetica, dactilografia e taquigrafia.

Na secretaria desta colectividade, aberta todos os dias uteis das 21 ás 23 horas, prestam-se todos os esclarecimentos que se relacionem com os referidos cursos.

PROVINCIAS

AVELÃS DE CAMINHO, 18.—Devido a uma postura da Camara Municipal de Anadia não é permitido o começo das vindimas antes do dia 25 do corrente, o que veio fazer grandes transtornos aos viticultores.

—Está a proceder-se ao ajardinamento do largo da Capela, depois do que se fará a erecção de um busto no mesmo largo á memoria do sr. Henrique Seabra Moura.

—Ante-ontem, quando o trabalhador rural José Maia, com outros companheiros procedia ao carregamento de alguns cascos de vinho, para uma camionete, por motivo de um dos cascos ter escorregado sobre uma prancha, esta caiu sobre uma perna do desventurado Maia, que por esse motivo sofreu fortes contusões, tendo recolhido ao hospital da Anadia, a fim de receber tratamento.

Noticias da folha oficial

Foi criado o Gremio dos Importadores Armazenistas de Mercearias, constituido obrigatoriamente por todas as entidades singulares ou colectivas, que exerçam ou venham a exercer o comercio de importação e venda por grosso de artigos de mercearia.

—O dr. Reinaldo dos Santos, director do serviço clinico dos Hospitais Civis de Lisboa foi encarregado de em comissão gratuita de serviço publico, visitar os serviços cirurgicos de Espanha e França.

Um sapateiro agrediu á facada
a mulher com quem vivia

O sapateiro Manuel Marques de Carvalho, de 36 anos, vivia ha muito tempo na rua Barbosa du Bocage, 29, com Maria Marques da Silva, de 42 anos, de quem se separara ha 36 anos.

Esta manhã, o Carvalho entrou em casa e esfaqueou a sua amante que recolheu, em estado grave, á sala de observações do hospital de S. José.

NOTICIAS DE SETUBAL

Colhido mortalmente pelo comboio.—Proximo da estação do caminho de ferro do Pinhal Novo foi ontem colhido por um comboio um individuo, cuja identidade se desconhece, parecendo tratar-se dum pobre trabalhador com a idade de 40 anos aproximadamente.

O infeliz, que chegou já cadaver ao hospital da Misericordia desta cidade, foi hoje transportado para a casa mortuaria do cemiterio do Repouso, onde se encontra á disposição das autoridades judiciais.

Agredida pelo amante—Deu entrada no hospital desta cidade, em estado grave, uma mulher, conhecida por Maria Garrafinha, de 40 anos de idade, moradora na estrada de Santos, vitima de uma agressão, no baixo ventre, por seu amante Sebastião Andorinha, que se encontra preso.

A pobre mulher, em estado avançado de gravidez, recolheu á enfermaria de Santa Izabel.

[illegible]niversario dum movimento
republicano espanhol

[illegible] republicana do general Villacampa [illegible] hoje muito [illegible] D. Pedro [illegible] Carlos [illegible] Gonzalez [illegible] Manuel Ruiz Zorrilla, D. [illegible] Portugal em 1887 [illegible] Lisboa [illegible] espanhois.

NOTICIAS DA MURTOSA

MURTOSA, 16.—Na praia e freguesia da Torreira, dêste concelho, promovida pelo Orfeão Murtoense Nun'Alvares, desta freguesia, e em beneficio da construção da nova igreja de S. Paio, daquela freguesia, cujos alicerces já se encontram levantados, realizou-se ontem uma recita, em que se exibiu o orfeão, o grupo cenico da Casa do Estudantes e um [illegible] e prestidigitador amador Augusto de Oliveira, agradando todos os numeros. A Assembleia [illegible] teatro-se literalmente cheia.

A' PORTA DA S. D. N.

O duelo Russia-Portugal, na Sociedade das Nações, foi aproveitado por Francisco Valença para uma engraçadissima caricatura no *Sempre Fixe* de hoje, cuja primeira pagina é um interessante desenho de Stuart Carvalhais. Este publica ainda outra caricatura, sendo a restante colaboração grafica de Botelho—com a pagina *Ecos da Semana*, D. Saraiva, Lemos, Ezequiel, José Bento, Dourdil e Olladrão.

Um foco de infecção

Escreveram-nos os moradores da rua Antonio Pedro, a queixar-se contra o facto de existir entre os predios 125 e 143 um terreno que, pelo seu [illegible] constitue um foco de infecção.

A seu pedido chamamos para o facto a atenção de quem de direito.

Desastre no trabalho

O pintor da construção civil [illegible] Matos, de 26 anos, morador em Almada, quando estava trabalhando num andaime na rua 4 de Infantaria, em Lisboa, caiu, ficando gravemente contuso no ventre.

Recolheu á sala de observações do hospital de S. José.

Um automovel contra uma arvore

Em Beja, foi contra uma arvore um automovel guiado por Manuel Sebastião, de 21 anos, «chauffeur», que recolheu gravemente ferido na cabeça e nas pernas, á sala de observações do hospital de S. José.

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE».

O verão na Praia da Rocha

PRAIA DA ROCHA, 17.—A rainha das praias portuguesas encontra-se verdadeiramente concorrida e animada, tendo-se realizado com brilho numerosas diversões elegantes.

E, como unica zona de jogo oficial ao sul de Lisboa, encontram-se repletas as salas e, especialmente, o salão de baile, onde todas as noites toca um excelente «jazz-band», sob a direcção do eximio maestro José Lobo da Veiga.

Ontem e ante-ontem exibiu-se com extraordinario entusiasmo e excepcoinal concorrencia a notavel artista Conchita Ulia, que gosa aqui de gerais simpatias, constituindo ambos os concertos um inconfundivel prazer espiritual. Os acompanhamentos ao piano foram primorosamente feitos pelo maestro José Lobo da Veiga. Pelas senhoras da colonia balnear foram oferecidos á gentil artista lindos ramos de flores.

Na proxima quinta-feira realiza-se o «Baile das Hortensias», seguindo-se-lhe uma série de festas de beneficencia promovidas pelo Portimonense Sporting Club, a fim de comemorar o seu XX aniversario. Entre outros numeros, haverá a «festa do Cinema», [illegible] «Apoteose em Chinês», festa regional [illegible] em honra da colonia [illegible] tennis [illegible].

Festas regionais

A [illegible] das festas em honra de Nossa Senhora do Cabo das freguesias de Santa Maria e de S. Miguel, de Sintra, [illegible] fazer sair a imagem para Alpedrinha no proximo dia 29.

Todos os pedidos de quem deseja acompanhar o cortejo devem ser feitos por escrito ao sr. dr. Alberto de Velasco y Mera, casa de Santa Maria, telefone Sintra 156.

A cerimonia da entrega realiza-se no dia de S. Miguel, por se tratar das freguesias de Santa Maria e S. Miguel.

IMPRENSA

Foi nomeado correspondente em Lisboa do jornal «El Pueblo Gallego», de Vigo, o jornalista Alejo Carrera Muñoz.

—O «Diario da Noite», do Rio de Janeiro, publicou um curioso numero especial dedicado á rainha de beleza do Brasil, numero que se reveste de grande interesse [illegible] o seu aspecto grafico.

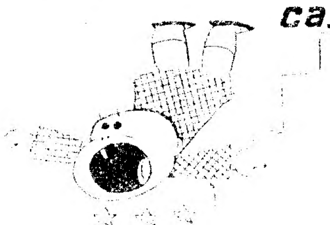
Conferencias

Com entrada franca realiza-se hoje, ás 21 e 30, na rua Garrett, 80, 2.º, uma sessão publica de propaganda higienista em que se discutirá o tema: «Os excitantes e narcoticos (chá, café, alcool, tabaco, etc.), são indispensaveis á saude moral, fisica e mental?».

A hora de verão

Não impéde que os Piolhos continuem a dar o seu passeio. «Marie-Rose» póde, com uma só fricção, matar todos os piolhos e as Lêndeas de qualquer cabeleira. Mães: Friccionem tôdas as quintas feiras com «Marie-Rose» as cabeças de vossos filhos que vão á escola Preço: 5$50 em tôdas as drogarias.

Quando bébé caj...



Depressa, um pouco de APYROL, produto cientifico, que imediatamente fará desaparecer as dôres e os sinais das feridas e contusões. Suprime também as dôres das queimaduras, as frieiras, o cieiro.

apyrol

REGENERA E VITALISA A PELE

Dep. excl.: Raul Vieira, Lda., Rua da Prata, 51, 3.º — LISBOA

TIVOLI
GADO BRAVO

2.º Mês - 7.ª semana de exibição

SEM COMENTARIOS!

Exclusivo e distribuição da Agencia Cinematografica H. da Costa, L.da

(Continuação da 1.ª pagina)

sinceramente, nobremente. Quando apareceu o dr. Ferreira de Mira abraçou-o durante largo tempo, com os braços crispados, raizes duras duma amizade velha.

Ao lado, o morto, no silencio contido da casa, iluminado cruelmente pela luz do dia, ia já de viagem—essa longa viagem que ele nunca se importou de fazer,—atrás dos sombrios caminhos da eternidade.

Durante a tarde, estiveram na residencia do extinto numerosas pessoas de todas as categorias sociais, que apresentaram pesames á familia. Receberam-se tambem ali numerosos telegramas de condolencias.

O secretario geral do A. C. P. dr. Magalhães Domingues, esteve tambem na rua Anchieta, em nome da direcção daquela organização, a apresentar pesames.

O funeral

O dr. Brito Camacho faleceu pelas 6 e 30, na sua residencia, rua Anchieta, 13, 3.º. A' sua morte assistiram varias pessoas de familia, e o sr. dr. Ravara Alvares.

A's 14 e 30 o corpo foi metido numa urna de pau santo, sobria, sem quaisquer lavores, cerimonia a que assistiram numerosos amigos do falecido.

Amanhã, ás 8 e 30, realiza-se a soldagem do caixão.

O funeral terá lugar ás 10 horas prefixas, dirigindo-se para a Parceria dos Vapores Lisbonenses, no Cais do Sodré. A urna atravessará o rio, num barco especialmente fretado pela familia do dr. Brito Camacho, seguindo depois para Aljustrel, terra da sua naturalidade, onde ficará depositado em jazigo de familia.

O jornalista

Pode dizer-se que a carreira politica do sr. dr. Brito Camacho se iniciou por alturas de 1890. O ultimatum veio encontra-lo já em plena actividade, colaborando em jornais e convivendo com elementos destacantes do partido republicano.

Militou sempre nas fileiras deste agrupamento, apesar de ser oficial do exercito, cirurgião ajudante dum regimento de artelharia e saber os dissabores que essa circunstancia podia arrecadar-lhe.

Propondo-se como candidato republicano pelo circulo de Beja, nas eleições de 1894, o ministro da Guerra de então, general Pimentel Pinto, castigou-o com a pena dum ano de inactividade. Em virtude disso, abandonou o serviço militar começando a fazer clinica na sua provincia.

Entretanto a politica absorvia uma boa parte da sua acção, dedicando-se ao estudo dos problemas sociais com especial interesse.

Mas é a partir da fundação da «Luta», em 1 de janeiro de 1906 que o dr. Brito Camacho começa a desempenhar um papel de relevo na politica portuguesa.

Foi na rua da Atalaia a primeira redacção da «Luta». A administração do jornal, estava confiada a um amigo intimo do director, Antonio Ferreira e a chefia da redacção a Carlos Calixto.

Depois o jornal mudou para a rua Anchieta e finalmente para o Calhariz, onde esteve instalado tambem o Centro Unionista.

Sucessivamente ocuparam o lugar de chefe da redacção jornalistas ilustres como Avelino de Almeida, Tito Martins e José Soares, tendo a seu lado alguns dos nossos mais distintos jornalistas. Entre os colaboradores contavam-se João de Menezes, que escreveu no jornal assiduamente, Antonio José de Almeida, José de Magalhães, Basilio Teles, Duarte Leite, Bettencourt Raposo, João de Barros, Emilio Costa, etc.

A sua influencia foi enorme, pode dizer-se mesmo decisiva, antes e depois do advento da Republica.

O jornal tinha caracteristicas muito especiais; a sua combatividade não excluia um grande brilho literario que lhe imprimia sobretudo a pena do director.

No artigo de fundo do primeiro numero, o dr. Brito Camacho escrevia, á maneira de programa:

«Torna-se urgente fazer uma larga sementeira de ideias, agitar questões, discutir problemas, aventar principios, formulas, hipoteses, criar enfim uma intensa vida de espirito, por tal modo que a politica portuguesa se não passe inteiramente, como disse Guerra Junqueiro entre duas aberturas naturais.

Por outras palavras: o que é preciso é lutar».

Assim se definia na Imprensa portuguesa uma orientação nova e salutar cujas consequencias seriam decisivas para a transformação da vida nacional e para a queda do regime.

A partir desse momento a sua colaboração na «Luta» é constante, de todos os dias, assinando com frequencia artigos de fundo e redigindo uma secção de comentarios cujo titulo «Ao de leve», se celebrizou rapidamente. Outras vezes a secção publicava-se com o titulo «Ecos», mas a personalidade do grande republicano reconhecia-se facilmente através das suas notas ironicas e cheias de brilho literario.

Na «Luta» se fizeram algumas das campanhas mais energicas do periodo da propaganda democratica entre nós.

Ao acaso podem citar-se a que foi feita contra o conselheiro Schroeter, quando este tomou conta da pasta da Fazenda no gabinete Franco, a dos adiantamentos á Casa Real, a dos Tabacos, a dos Sanatorios da Madeira, a da questão religiosa, a do convenio luso-transvaliano de 1909, etc.

Foi o dr. Brito Camacho que se encarregou de conduzir quasi todas essas campanhas, revelando-se em todas as circunstancias um dos maiores jornalistas politicos do seu tempo, polemista vibrante e adversario decidido para quem os problemas não tinham segredos.

Em 2 de junho de 1907 respondeu pela primeira vez na Boa Hora, acusado de ter ofendido o rei num «suelto» publicado na secção «Ao de leve». O tribunal era presidido pelo juiz dr. Horta e Costa, e dele faziam parte os juizes drs. Pina Calado e barão do Rio Sado. O defensor foi o dr. João de Meneses, tendo o sr. dr. Brito Camacho sido condenado ao pagamento de cinquenta mil reis e nas custas e selos.

Em 12 do mesmo mês respondia novamente por virtude de três artigos que haviam sido tambem considerados ofensivos para o rei.

Era delegado do ministerio Publico o dr. Trindade Coelho e o dr. Brito Camacho foi condenado ao pagamento duma nova multa.

Em 18 de dezembro outro julgamento, mas desta vez foi absolvido tendo sido defendido pelo dr. Pedro Martins.

O dr. Brito Camacho depois da proclamação da Republica continuou a exercer a sua acção politica principalmente como jornalista. Os seus afazeres como ministro do governo provisorio não o impediram de colaborar no jornal que iniciara e que dele principalmente vivia.

Alguns dos seus artigos politicos ficaram celebres pelo rigor da analise e pelo brilho da forma.

Em maio de 1915, quando as pretensões monarquicas começaram a fazer-se sentir mais vivamente escreveu dois artigos «Reflexões calmas» e «A situação politica» em que expunha, com a sua habitual lucidez, as circunstancias que o obrigavam ao seu intimo apoio do governo Pimenta de Castro.

No primeiro desses artigos ele afirmava:

«Muito a tempo os monarquicos deixaram ver o seu jogo. Não poderá ter ilusões se não quem quizer iludir-se».

Quando a intervenção de Portugal na guerra escreveu varios artigos assinando-os Julio Gomes, nome com que já subscrevera as suas produções jornalisticas em que se ocupava de problemas internacionais.

O sr. dr. Brito Camacho que conduziu ainda uma campanha jornalistica energica contra a situação sidonista, só abandonou a direcção efectiva da «Luta» quando partiu em começos de 1921, a ocupar o cargo de sub-comissario em Moçambique. Depois disso ficou a substitui-lo durante algum tempo o seu grande amigo sr. dr. Ferreira de Lima até que em 1922 deixou de se publicar com regularidade.

Entretanto o sr. dr. Brito Camacho fazia-a aparecer, nos termos exigidos pela lei, para garantir o titulo.

Depois de regressar de Moçambique o ilustre republicano colaborou, com certa assiduidade, em varios jornais, entre eles o «Seculo» o «Diario de Noticias», escrevendo ultimamente cronicas admiraveis no semanario «O Diabo».

Dedicava um carinho muito especial ás colectividades jornalisticas significando assim o seu muito amor a uma profissão que singularmente honrou. Em três anos sucessivos ocupou o lugar de presidente da assembleia geral do sindicato dos Profissionais da Imprensa onde o seu conselho era sempre escutado com particular interesse.

O propagandista republicano

A propaganda do ideal republicano no nosso país ficou devendo ao sr. dr. Brito Camacho inexcediveis serviços. Não foi apenas um dominio jornalistico que ele fez sentir a sua acção.

Em cronicas e em conferencias a sua voz fez-se ouvir muitas vezes, proclamando a necessidade de derrubar a monarquia ou a conveniencia de melhorar a Republica.

Ao mesmo tempo colaborou assiduamente nos congressos partidarios, primeiro nos que foram convocados pelo partido republicano e depois nos que reuniam os elementos marcantes do unionismo que chefiou.

Em maio de 1907 apresentou num comicio republicano, onde foi vivamente ovacionado, uma moção considerando ovacionado, uma moção convidando todos os cidadãos portugueses a pronunciarem-se quanto á forma de se prover á governação do Estado sobre a base da soberania nacional. Em julho do mesmo ano ia a Alpiarça fazer um importante discurso de defesa das idéias democraticas. Em março do ano seguinte realizava uma conferencia em Alenquer sobre o mesmo tema. Depois em abril ia ao congresso partidario de Coimbra, em novembro a um comicio no Porto e em dezembro a outro realizado em Beja. Foi depois convidado sucessivamente pelo Comité das Caixas Economicas para fazer uma palestra sobre «Habitações para operarios» e pela Associação dos Lojistas de Lisboa para falar sobre «Miséria economica e ruina financeira».

Em janeiro de 1909 nova conferencia no Centro Republicano da Pena e em maio assistia ao congresso partidario de Setubal onde foi escolhido o directorio encarregado de fazer a revolução.

Em junho falava num comicio em Viseu e fazia uma conferencia em Lisboa; e em agosto tomava parte activa na organização das manifestações promovidas pela Junta Liberal. Este organismo tinha á sua frente o dr. Miguel Bombarda, grande amigo e admirador de Brito Camacho que recolheu as suas ultimas palavras e recebeu as suas ultimas indicações em 3 de outubro de 1910. O papel do dr. Brito Camacho na preparação do movimento revolucionario que implantou a Republica pode considerar-se decisivo, dadas as suas relações com o chefe militar do movimento, almirante Candido dos Reis, e das amizades seguras e devotadas que tinha entre oficiais do exercito e da armada.

O homem de Estado

Homem publico—é o jornalista e o parlamentar, aspectos da vida politica de Brito Camacho, a que noutro lugar nos ocupamos. Como homem de Estado o antigo director da «Luta», que muitas vezes foi homem de Estado sem ocupar alto cargo, já pela sua visão dos acontecimentos nacionais (oposição ao processo de intervirmos na Grande Guerra), já pelas suas atitudes de chefe de partido ocupou dois lugares de destaque: ministro do Fomento do Governo Provisorio, em substituição do sr. dr. Antonio Luiz Gomes, lugar de que tomou posse em 24 de novembro de 1910, e de que se afastou quando esse governo presidido pelo dr. Teofilo Braga apresentou a sua demissão, aprovada que foi a Constituição, e Alto Comissario da Republica em Moçambique, lugar para que foi nomeado em fins de 1920, era ministro das Colonias o sr. dr. Ferreira da Rocha, e para onde partiu em 25 de fevereiro de 1921, tendo dali regressado dois anos depois, chegando a Lisboa, para não mais tornar á Africa Oriental, em 26 de março de 1923.

Como ministro do Fomento, num periodo incerto em que a vida publica girava quasi toda pelos ministerios do Interior, da Justiça e das Finanças, a acção constructiva do sr. dr. Brito Camacho fez-se sentir, sem alardes, em dezenas de diplomas ponderados, que sairam da sua inspiração de entre os quais cumpre citar o relativo ao credito agricola e ao ensino tecnico. Foram muitas e utilissimas, bastas vezes citadas por adversarios, as suas medidas concernentes a caminhos de ferro, transportes e obras publicas.

Publicado o decreto do direito á greve na «Luta», já ministro, bastas vezes o jornalista-homem de Estado aconselhou os operarios a não abusarem desse acto dignificante da Republica.

Como Alto Comissario a acção do dr. Brito Camacho, absorvida quasi sempre pelos negocios relativos á Convenção com a União Sul-Africana, foi, senão notavel ou brilhante, digna sempre e fomentadora, devendo-se-lhe importantes serviços e a promulgação de medidas, cujos resultados mais tarde foram manifestos.

Ninguem, mais do que o Alto Comissario de 1922, defendeu a soberania e a integridade dos direitos de Portugal na provincia de Moçambique. Tanto, talvez. Mas na tensão de relações com a União, o dr. Brito Camacho houve-se de tal maneira que nunca será demais o respeito, por esse facto, á memoria do ilustre homem publico.

Antes de partir, em janeiro de 1921, e indo ao encontro de boatos que corriam, o Alto Comissario, ainda na Metropole, diplomaticamente dizia em publico:

«As relações entre a União Sul-Africana e a provincia de Moçambique são optimas, e eu espero que elas se estreitarão, mercê de uma politica franca, leal, desassombrada, uma politica orientada pelo mutuo desejo de que a Africa, num futuro proximo, já não seja um continente a civilizar, por estar feita a civilização».

Brito Camacho, escritor

A sua fortissima, vigorosa personalidade de homem de letras, um tudo nada irreverente, um quasi nada anatoliana, pelo espirito, portuguesa pela simplicidade, de uma probidade que a si propria se não exalta, contemplativa, e aqui e ali deliciosamente critica—humana, amavel, com levesfios de ternura e uma nostalgica evocação da terra alenteiana—fica ligada á historia das letras contemporaneas, uma obra ampla e séria, de onde se destacam três ou quatro volumes, dignos de antologia.

Retiro da Severa

LUNA PARQUE — Aberto até ás 2 horas

Cantam hoje LEONILDE GOUVEIA, MARIA LUIZA, ALBERTO COSTA e outros, acompanhados por JOSÉ MARQUES e GEORGINO DE SOUSA

AL QUE DESAPARECE

realiza-se amanhã para Aljustrel

;ausou profunda impressão em Lisboa

Brito Camacho era um escritor por temperamento, um prosador por dignidade de escritor, um pensador por vicio e virtude de inteligencia. Mas não era o estilista de preconcebido talhe esvelto, embora o culto da linguagem nunca tivesse desaparecido da sua pena de artista, sem «atelier». Dir-se-ia reflectir a propria modestia da sua existencia.

Os seus três primeiros livros, da mocidade agitada «Herança Morbida», «A Propaganda», «Dois crimes»—encontram-se esgotados. Não desdenhou nunca deles o autor admiravel da «Gente Rustica». Seguiram-se depois «Impressões de Viagem», «Ao de leve», «Nas horas calmas», «Por aí fora». E sucessivamente, enquanto as segundas edições apareciam, compôs «Pretos e Brancos», «Longe da Vista», «D. Carlos intimo», «Gente Rustica», «Os amores de Latino Coelho», «A caminho de Africa», «Terra de Lendas», «Quadros alentejanos», «Jornadas», «Contos Ligeiros», «Gente Varia», «Contos e Satiras», «Cenas da Vida», «Gente Boer», «Pó da Estrada», «Lourdes», «A questão romana», «Por cerros e vales», «Ferroadas», «A Reacção», «A linda Emilia», «Moçambique», «De bom humor», «Materia Vaga», alem de enorme colaboração dispersa e trabalhos jornalisticos, que foram muitas vezes obra de um homem de letras.

Nestas obras (e só numa ou noutra se afasta, como na «Lourdes» da sua missão de criador de beleza) Brito Camacho é de facto, um escritor, representativo do seu tempo.

Está a sair do prelo, e dentro de poucos dias o apresentará a Livraria Guimarães, o seu ultimo livro «Contos Selvagens».

Desta obra queremos dar dois periodos do prefacio. Um que sintetiza o seu espirito sempre em «charme», artificiosamente despreocupado:

> «Conto viver um seculo, e como já entrei na casa dos setenta, o meu horizonte está reduzido a pouco mais de um quarteirão de anos. E' tempo suficiente para «coser» o que tenho «alinhavado»...
>
> Sabe-se lá quem é velho!».

Mas no cabo do prefacio de onde recortamos aquela «boutade» (ele, que sabia bem o mal que o afligia), escreve:

> «Estou na disposição de não fazer mais literatura, e parece-me bem pôr no que pode chamar-se a minha obra literaria um ponto final com o resto da tinta que me sobejou...».

E noutro passo deste prefacio deixou escrito:

> «Em vida não serei socio da Academia senão por um decreto da Ditadura; mas depois de morto pode ser que me sujeitem a essa provacão, contra a quál deixo aqui lavrado o meu protesto...».

«Contos Selvagens»—é Africa, visões de Africa, hora nacional que passa.

O testamento

O testamento do sr. dr. Brito Camacho, que tem a data de 30 de junho de 1934, encontrava-se depositado no cartorio do notario Tavares de Carvalho. Esta manhã compareceu na administração do 2.º bairro um empregado daquele cartorio, acompanhado do sr. Joaquim de Brito Camacho, irmão do falecido, e na presença das testemunhas srs. drs. José do Vale de Matos Cid e Jose de Oliveira Vinagre, foi aberto aquele documento, cujo teor é o seguinte:

«Declaro que sou viuvo, orfão de pai e mãi, e não tenho filhos.

Fui casado com D. Maria da Luz, filha do sr. dr. José Jacinto Nunes, senhora de excelsas virtudes, que morreu aos dez meses de casada, deixando-me uma filha que lhe sobreviveu de poucas semanas. Não tornei a casar. Fiz sempre o maior empenho em evitar os filhos ilegitimos e morro com a certeza de o ter conseguido. Porque não tenho herdeiros forçados, segundo a lei, cabe-me a livre disposição de quanto possuo e dela uso neste meu testamento».

O sr. dr. Brito Camacho dispõe em seguida dos seus bens da seguinte forma:

Deixa a seus irmãos Joaquim de Brito Camacho e José de Brito Camacho, solteiros, residentes em Aljustrel, e a suas irmãs Ana de Brito Camacho, solteira, proprietaria residente em Aljustrel e Maria Antonia Espada, casada com Manuel da Silva Figueiredo, proprietario, residente em Montes Velhos, as suas propriedades denominadas «Gavião» e «Poço Seco».

Deixa ainda a seus irmãos, tudo em partes iguais, dois olivais que herdou de sua mulher, situados um no Paul e outro na varzea de Grandola, bem como a parte que lhe caiba nas herdades denominadas «Amendoeira» e «Azinheira», sitas na freguesia de Santa Margarida da Serra.

Lega à Misericordia de Lisboa a propriedade de 111 titulos do emprestimo de 4 1/2 por cento em substituição do emprestimo de 6 1/2 por cento ouro, com a obrigação de dar metade do rendimento destes titulos, livre de qualquer encargo, vitaliciamente e pago em meses adiantados, a D. Libania Pereiro, natural de Marmeleira, residente na rua Anchieta, 13, 2.º E, (a dona da casa onde o dr. Brito Camacho viveu e morreu). Se esta senhora morrer primeiro que sua irmã D. Albertina Pereira, com que actualmente vive, e se ao tempo da sua morte ainda viverem juntas, a esta será paga a mensalidade estipulada nesta clausula testamentaria, mas deduzida a metade, tambem com caracter vitalicio e isenta de quaisquer encargos. Lega outros tantos titulos do mesmo emprestimo á Misericordia de Aljustrel em plena propriedade, deixando expresso o seu desejo de que este legado sirva ou contribua para a criação de uma creche.

Lega aos seus amigos Aquilino Ribeiro, Manuel Ribeiro e Ferreira de Castro a propriedade de todos os seus livros publicados. Lega a Julião Quintinha a propriedade dos seus livros a publicar, devendo receber por cada volume de pelo menos 200 paginas, pagos por uma só vez 2.000 escudos.

Para satisfação deste encargo, o testador fez o respectivo deposito bancario. Deixa a sua pequena livraria á Universidade Popular Portuguesa, com sede na rua Luiz Derouet. O testador deixa determinado que o seu particular amigo sr. dr. Ferreira de Mira, escolherá para si, sem limitação de numero, os volumes que forem mais do seu agrado.

A cada um dos quatro filhos do dr. Augusto de Vasconcelos deixa 5 contos e igual quantia á pequena Tita, filha do sr. dr. João Pais de Vasconcelos. Estes legados são isentos de qualquer encargo. Deixa a D. Virginia Maria, filha do coronel Alberto Maia a quantia de 10 contos, tambem sem encargos.

A João Rodrigues, antigo administrador da «Luta», deixa, livre de qualquer encargo, a quantia de 5 contos e metade desta importancia a Tomé, velho empregado daquele jornal.

Aos seus afilhados Manuel das Neves e Elvira Cabral, deixa 3 contos a cada um.

A sua prima D. Mariana Assis de Brito e D. Maria Mendes Beltrão, deixa 100$00 por mês a cada uma enquanto forem vivas.

A' sua afilhada D. Maria Henriqueta filha do dr. Carlos Amaro, faz seu legado de 5 contos isento de encargos. Ao primeiro empregado, Raul, da livraria editora Guimarães & C.ª, deixa 3 contos. As acções e obrigações que possui de companhias e que estão confiadas á guarda do Banco Nacional Ultramarino, deixa-as a D. Beatriz Picolo. As quantias que tem depositadas em dinheiro nos Bancos Nacional Ultramarino e Lisboa & Açores, na Caixa Geral de Depositos, na Caixa Economica do Montepio Geral, e na Caixa Economica da Cooperativa Militar, destina-as ao pagamento dos legados que faz neste testamento.

O remanescente da sua herança será dividido em partes iguais pelos centros ou clubes republicanos de Lisboa, mas tão sómente pelos que forem escolares, isto é, pelos que mantenham uma escola.

Os testamenteiros do dr. Brito Camacho são seu irmão Joaquim e o sr. Ulisses Canijo, aos quais deixa 10 contos a cada um, sem qualquer encargo, em reconhecimento do ultimo serviço que lhe prestam.

A impressão no Porto

PORTO, 19 (pelo telefone) — Causou grande pezar nos meios republicanos do Porto, a noticia da morte do dr. Brito Camacho.

Em muitas colectividades politicas foi colocada a bandeira nacional a meia haste, logo que se soube do lutuozo acontecimento.

Dr. Manuel Brito Camacho

O Jornal "O Diabo" participa a todos os seus amigos e leitores o falecimento do seu eminente colaborador Dr. Manuel Brito Camacho, antigo ministro da Republica e alto comissario em Moçambique, saindo o prestito funebre ás 10 horas da Rua Anchieta, 13-2.º, para a Estação do Terreiro do Paço.

Desfalque de 1000 contos

Foi prêso ontem o aspirante de Finanças Henrique Joaquim Marques por estar envolvido no desfalque de 1000 contos que ha dias foi descoberto na repartição de Finanças do 3.º bairro. Interrogado pelo agente Armelim e pelo chefe da 2.ª secção, o arguido declarou que fôra ele que propuzera ao seu colega Augusto Ferreira Junior e ao cobrador duma casa bancaria, Carvalho da Silva a forma de levar a efeito o referido desfalque.

Afirmou que apenas ficara com 30 contos, pois esteve na repartição desde 1929 a 1930 sendo transferido para Almada data em que se desligou dos seus colegas.

Furto duma camioneta

O agente José Augusto, da P. I. C., procede a investigações no sentido de descobrir o paradeiro dum individuo que fugiu com uma camioneta no valor de 15 contos, pertencente ao sr. Francisco Gomes da Piedade.

Proezas do "Cacau,,

Foram hoje enviados ao tribunal da Boa-Hora José Francisco Duarte «O Cacau», João Mendonça, Jeronimo Eugenio Mendonça e Balbina Duarte Ramos mãe do primeiro, todos cadastrados, por se terem envolvido em desordem, agredindo-se mutuamente á facada.

O agente Alberto Cruz, encarregado das investigações, apurou que o autor da agressão foi o «Cacau».

Trucidado pelo comboio

MOITA, 19 — Entre as estações da Moita e de Alhos Vedros foi hoje trucidado, por um comboio, um mendigo de 74 anos, de nome Maximiniano Pacheco.

Conferencia Inter-Parlamentar

BELGRADO, 19. — A Conferencia Inter-Parlamentar, presidida por Kouman Udi, presidente da Camara dos Deputados da Jugo Eslavia, terminou ontem os seus trabalhos. (Havas).

Restaurante Roma

Este conhecido Restaurante da Rua do Mundo 100-104 serve no seu amplo salão almoços a Esc. 7$00 e jantares a Esc. 8$50.

Os melhores serviços em salas reservadas no primeiro andar. Recebe comensais. Telefone 2 4273

O Porto

pelo telefone

As buzinas dos automoveis

PORTO, 19

E' um abuso intoleravel, que deve ser quanto antes evitado por quem de direito, o uso excessivo das businas dos automoveis, especialmente de noite, a horas a que a maioria da população está a descançar das fadigas diarias. Locais existem em que a estridencia de certas businas é constante e não permite que se durma.

E' mister que se evite de qualquer modo que a partir de certas horas os «klaxons» e businas incomodem a população, a maior parte das vezes sem grande necessidade.

Nos locais onde os automoveis fazem praça ou deposito, é velho costume chamar-se o «chauffeur» do carro que se pretende, premindo o botão da sirene. Isto fazem-no em geral os seus camaradas.

Desastre de viação

TERMAS DE S. VICENTE (Entre os Rios), 19. — Hoje, pela 1 hora da manhã, Joaquim Lopes Coelho, que se dirigia de motocicleta a Alverca, onde está a prestar serviço militar, ao ultrapassar uma camioneta de carga, a um quilometro de S. Vicente, chocou com ela, despenhando-se por uma ribanceira.

O motociclista ficou muito contuso.

A GARRETT—Largo do Chiado, 9 e 11
Almoços completos de 12 e 16 Escudos
Jantares » de 15 e 18 Escudos

Hoje penultima de "Arco Iris" sexta-feira estreia da revista "Jardim da Europa"

A empresa do Capitolio segue a norma simpatica de proporcionar ao seu publico espectaculos variados, mesmo os de teatro, não os deixando arrastar nem envelhecer. Assim, a *bluette Arco Iris* ali em cena, apesar de acarinhada pelo publico, vai ser substituida depois de amanhã por outra, decerto não menos interessante. O seu titulo sugestivo—*Jardim da Europa*—é uma promessa aliás compreensivel, pelos nomes que a firmam: Raul Portela, o inspirado maestro e José de Meneses, pseudonimo dum consagrado escritor teatral.

Jardim da Europa tem quadros de fantasia e de comédia, incluindo duas cortinas comicas coreografadas por Pinto de Campos.

No desempenho tomam parte as artistas Lina Demoel, Herminia Silva, Cesaria Henriques, Pereira Saraiva, Antonio Rosa e Octavio Matos, que nos apresentará no «Boguinhas», «compère» uma nova e engraçadissima caricatura.

Os bailados da nova revistasinha, realização de Piero, estão a cargo das «german-girls», um friso encantador de gentileza e formosura.

Na bilheteira do Capitolio já podem ser marcados bilhetes para a «première».

Companhia Sintra-Atlantico

A Companhia Sintra-Atlantico estabeleceu o seguinte horario para as suas carreiras de auto-carros entre Azenhas do Mar e Lisboa, (Largo de S. Domingos, n.º 11), com passagem por Praia das Maçãs, Colares e Sintra:

Nos dias uteis: partida de Azenhas do Mar ás 8 e ás 15,55 horas; partida de Lisboa, ás 10 e ás 18 horas.

Nos domingos e dias feriados: partida das Azenhas do Mar, ás 8 e ás 17 e 30 horas; partida de Lisboa ás 10,30 e ás 19,30.

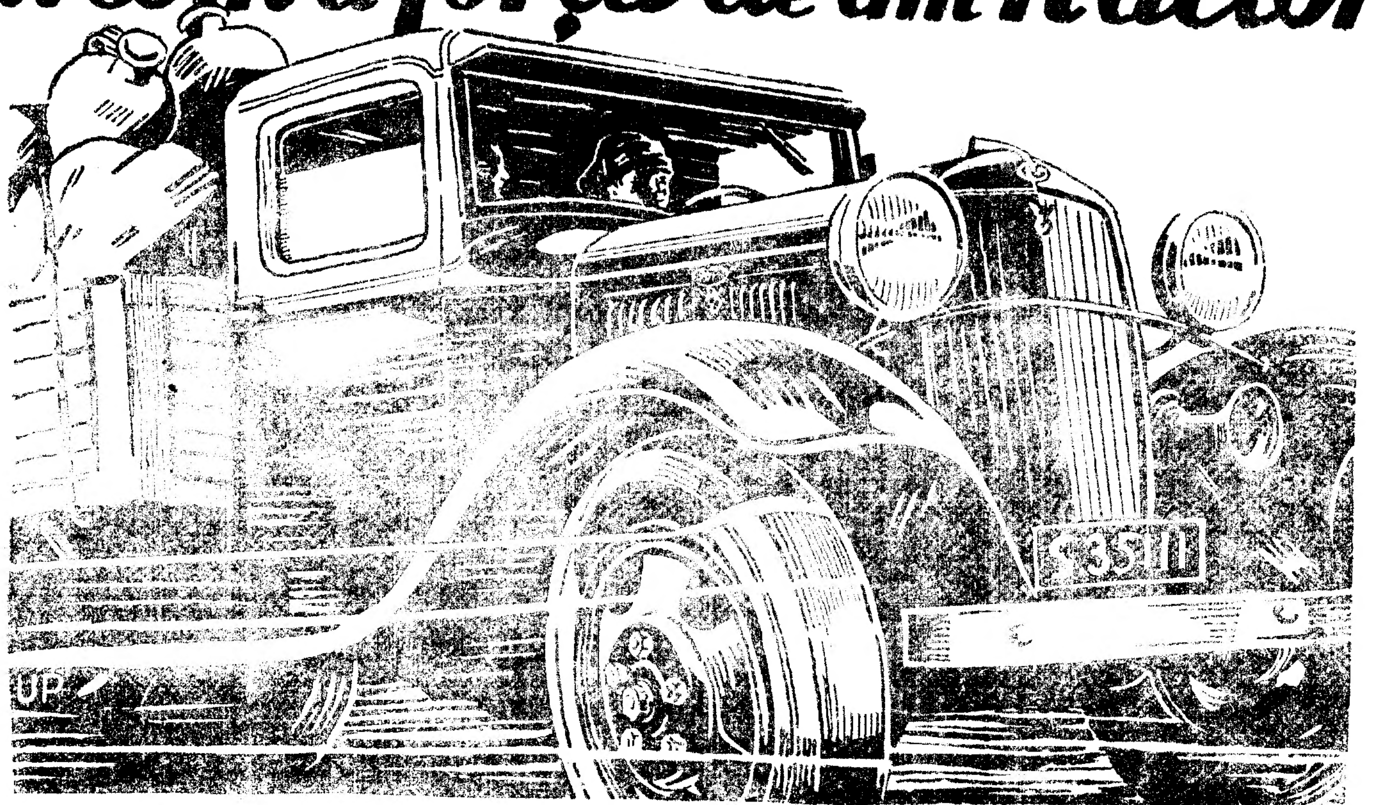
Marcação de bilhetes e informações: rua da Prata, 122: telefone 2 5359.

Carros electricos a todos os comboios de Sintra e de Azenhas do Mar.

SORTES GRANDES
só a casa COSTA L.DA as vende
75 = Rua de S. Paulo = 77

RADIOS
STROMBERG — CARLSON
MARCA CELEBRE

A velocidade de um Expresso... ...com a força de um Tractor



O Novo camião Ford

O Camião de Manutenção mais economica fabricado pela FORD

Neste chassis Ford V-8 encontrará V. Ex.ª tudo o que um camião deve possuir.

Ford adicionou á força bruta de um motor potentissimo, a velocidade caracteristica de um expresso. Apezar de tudo, baseando o seu funcionamento num motor de 8 cilindros do tipo em V, com um novo carburador de tiragem dupla, Ford conseguiu o camião de manutenção mais economica, até hoje fabricado por esta Companhia.

Tem o Ford V-8 muitas outras caracteristicas, tais como o emprego duma nova liga nas chumaceiras de bielas, evitando ajustos durante a vida do motor; eixo trazeiro inteiramente flutuante, permitindo a mudança de semi-eixos sem descarregar o camião; pinhão do ataque com duplo apoio de rolamentos, etc. etc.

Peça já uma demonstração dos novos camiões de 8 e 4 cilindros, ao agente mais proximo.

O nosso plano de credito facilitará a transacção.

Ford Lusitana - Rua Castilho - Lisboa - Agencias em todo o Pais

CARTAZ

TEATROS

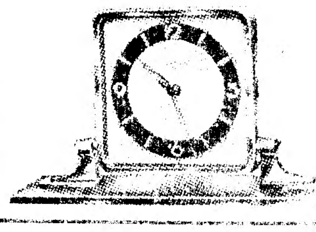
Trindade—A's 20 e 45 e ás 23.—«Lua Cheia».
Avenida.—A's 21 e 45.—Uma noiva para dois».
Capitolio—A's 21 e ás 23—«Arco Iris» e cinema.
Luna Parque—Desde as 20 horas: Diversões internacionais

CINEMAS

Tivoli—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Odéon—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 24.
Palacio—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Pavilhão Português—A's 21—Cinema.
Royal-Cine—A's 21 e 15.
Jardim Cinema—Avenida Alvares Cabral ás 9 e 30.—Cinema.
Eden-Cinema—R. do Alvito, a Alcantara.
Promotora—L. 20 de Abril, ao Calvario.

Quer a sorte grande? Habilite-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»



PARA ACORDAR A HORAS CERTAS
Os despertadores de **Torroaes** servem admiravelmente
LINDOS MODELOS ACABADOS DE CHEGAR PARA TODOS OS PREÇOS
119—RUA DA PRATA—123
Telef. 2 4[illegible]

CARPETES Grande variedade Preços s/competencia
Armazem de Moveis do Calhariz
Papeis pintados Enorme sortido
PAIXÃO, CARVALHO, L.AD
26—Largo do Calhariz—28

Sortes grandes?
Só a casa COSTA, LDA. as vende.
60—Rua da Prata—62

Ao PORTO vai o ultimo
Rápido Especial de 2.ª classe
em 23—Domingo
Ida e volta — 70$00
Bilhetes á venda na estação do Rossio. Informações na estação do Rossio (Escritorio de Informações) e no Serviço de Trafego da C. P. — Telefóne 24031.

Está descontente com a sua dentadura artificial?
Quer uma modificação perfeita, segura e garantida?
Dirija-se ao cirurgião-dentista
Eduardo Courreges Moreira
Consultorio: Rua de Campolide-60-1.º
Telefone N. 4126

Empregado Português

Tendo habitado Londres, Bruxelas e Berlim, falando, escrevendo inglês, francês, alemão, conhecedor industria hoteleira turismo, com prática comércio geral e especial óleos, automóveis, oficinas, oferece-se dando melhores referências. Resposta á Agencia Eva, R. da Conceição, 147, C. B. C.

SORTES GRANDES
só a casa COSTA L.DA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

DORKO
Depositario: B. A. GATELLA
R. de S. Paulo, 109 — LISBOA

ESTRANGEIRO

DORKO
Finest Swedish Steel
DORKO
A lamina do conhecedor

A SITUAÇÃO DA LITUANIA

dentro do acôrdo balcanico

KOVNO, setembro. — A iniciação em agosto ultimo das negociações para um tratado de mútua colaboração entre os paises bálticos marca o fim de uma série de importantes negociações, que se estavam tratando desde fevereiro ultimo. O problema que dificultava as negociações era principalmente a questão de Vilna, que hoje se considera limitada exclusivamente a um problema entre a Lituania e a Polonia. Esta exclusão do problema de Vilna do acôrdo báltico supõe uma grande concessão por parte da Lituania, pois constitui o ponto central de toda a sua politica exterior. A Lituania não se conformaria com isto, senão em ultimo extremo. Ha que ter em conta, que a Lituania não reconhece a fronteira actual com a Polónia, que não mantém relações diplomaticas com este país, etc. Foram levantados os rails do caminho de ferro, pela Lituania, e o tribunal de Haia reconheceu este acto de protesto contra a Polónia, como legal. Outro problema de extraordinaria importancia para a Lituania é a questão de Memel. E' este um problema cultural pois pretende impôr as populações alemãs do territorio, os costumes e lingua da Lituania. A Lituania conseguiu uma vitoria quasi completa nesta questão, com a demissão do Directorio Alemão, com a anulação dos lugares alemães na Dieta e a demissão dos funcionarios alemães. Todas estas medidas se poderam adoptar depois da acusação de que o partido nacional-socialista preparava uma sublevação em Memel. Mas esta disputa repercutiu-se nas relações economicas da Lituania com a Alemanha. A Lituania quiz compensar a perda do mercado alemão com o inglês, mas tropeça com grandes dificuldades. As relações comerciais inglesas baseadas no comercio reciproco não podem prosperar com a Lituania, que é essencialmente um país agricola.

Ao mesmo tempo as grandes potencias e particularmente a França e a Russia exercem grande pressão sobre a Lituania. A Polonia apesar da questão de Vilna procura também a amisade da Lituania. Tudo isto tem produzido uma profunda tensão no interior da nação. O governo está constantemente sob a ameaça de um estado de guerra. O estado de espirito da população produziu alguns factos, como o da sublevação de uma secção da guarnição de Kovno, no mês de junho passado. O movimento terminou sem derramento de sangue, graças á lealdade da Policia e da maior parte do exercito, mas também, porque os organizadores do movimento não sabiam muito bem o que queriam.

Uma parte dos amotinados queria colocar no poder, Valdemaras. Outro sector tinha outros planos. A intentona, que terminou com a condenação a prisão perpétua do general Kubiliunas e a de doze anos de trabalhos forçados a Valdemaras, fez cair o governo. Os dois homens mais importantes do novo governo são o ministro das Relações Exteriores, Lozoraitis e o ministro de Justiça, Schillingas. A politica da Lituania prosegue duvidosa e certamente, nos proximos mêses se apresentarão novos problemas tanto de ordem interna como externa. (United Press).

Afinal qual é o melhor?

Nunca poderá V. Ex.a responder a esta pergunta, sem primeiro experimentar os pratos diarios de especialidade e os Almoços e Jantares do velho Café Restaurante Suisso, que confeccionados no maximo cuidado e servidos com abundancia e por preços excepcionais podemos afirmar sem engano ser este o melhor restaurante da actualidade, que se deve recomendar a todas as pessoas de bom gosto.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo. 115

VOLTA A TRABALHAR-SE

nas minas de prata de Arizona

NOGALES (Arizona), setembro.— Novamente se trabalha nas montanhas de Sonora, Mexico, nas minas de prata, descobertas pelos conquistadores espanhois, na região que baptizaram com o nome de «A arca de prata do mundo».

Os mineiros mexicanos e norte-americanos, que folgavam de ha muito tempo, voltaram de novo, com todo o ardor, ao trabalho, elogiando calorosamente o senador Key Pittman, autor do projecto da nacionalização da prata.

Para celebrar o ressurgimento das actividades, as duas cidades homonimas, Nogales, em Sonora, Mexico, e Nogales em Arizona, Estados Unidos, projectam celebrar a festa da «Prata» para comemorar a rehabilitação da prata.

Estas duas cidades apenas separadas por uma rua, estarão profusamente adornadas de prata e negro, durante os dias dos festejos.

O senador Pittman será hospede de honra das duas cidades. A nacionalização da prata decretada pelo presidente Roosevelt fez renascer o optimismo em toda esta região fronteiriça. Muitas minas abandonadas já de ha anos, por falta de mercado para a prata, já estão em actividade e os mineiros mexicanos e norte-americanos já inundaram o distrito. Um dos acontecimentos mais brilhantes da «Festa da Prata» será constituido por uma grandiosa cavalgada, na qual tomarão parte as autoridades mexicanas e norte-americanas, vaqueiros e *cowboys* belezas morenas mexicanas e belezas louras norte-americanas. Assistirá também aos festejos o governador de Sonora, Rodolfo Elias Calles, que oferecerá um calendario azteca (dos antigos povoadores do Mexico) ao senador Pittman.—(United Press).

Marinha mercante inglesa

O novo paquete da Cunard Line

LONDRES, 19. — Conforme anunciámos, o novo paquete da Cunard Line será lançado á agua amanhã, na presença dos soberanos de Inglaterra. O casco do navio, que pesa 40.000 toneladas, levará quatro minutos a deslisar sobre o estaleiro central que mede 2.000 pés de comprimento. Os engenheiros, porém, tencionam reduzir esta velocidade, para o que serão empregadas grandes correntes de ferro com o peso de 2.350 toneladas que aguentarão o navio. (Havas).

Exposição de fotografias

LONDRES, 19. — Nas galerias do Real Instituto de Londres foi aberta uma exposição que mostra os progressos da fotografia desde ha cem anos. (Havas).

O «Diario de Lisbôa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

AS INTENÇÕES PACIFISTAS

do «fuhrer» do Reich

BERLIM, 19. — Os jornais dizem que seria bom para a pacificação dos espiritos que as questões e atitudes alemãs fossem examinadas objectivamente e sem paixão, como faz uma parte da Imprensa francesa. A proposito registam com prazer o que escreve o jornal «L'Oeuvre», de Paris, acêrca do discurso de Hitler, na recepção ao corpo diplomático. Diz aquele jornal que o «fuehrer» mostrou mais uma vez querer relações estreitas e sinceras com as potencias estrangeiras, pois só mediante a estima e o conhecimento reciprocos os povos podem realizar uma obra grande, sob o signo da paz. Hitler quere que o bem do seu povo seja util não só á Alemanha mas ao mundo inteiro e ao progresso pacifico da humanidade. «L'Oeuvre» conclui: «Hitler disse que deseja fazer da Alemanha o asilo inviolavel da paz. E' preciso ter confiança no fuehrer da Alemanha e acabar com a desgraçada desconfiança que separa os povos uns dos outros». (Americana).

Os perigos do alpinismo

Sete turistas que desaparecem

BERLIM, 19.— Na passada semana desapareceram sete turistas—quatro homens e três senhoras—nos Alpes bavaros. Os seus cadaveres foram encontrados entre Schuesselkarspritz e o Dreitorspitze. Duas das vitimas eram alpinistas de nomeada: Rodolfo Leugender e Guido Langer. Os desgraçados foram vitimas de uma terrivel tempestade que se desencadeou subitamente.—(Americana).

A representação portuguesa

no Tribunal do Sarre

GENEBRA, 20.—Na sua sessão privada desta manhã, o Conselho da Sociedade das Nações nomeou o dr. Luiz Cabral de Moncada, professor da Universidade de Coimbra, juiz do Supremo Tribunal para o plebiscito do Sarre.—(Havas).

A expedição á Groenlandia

ROMA, 19.—A baleeira «Njall» que conduz os membros da expedição italiana á Groenlandia e que se encontrava aprisionada pelos gelos, pode libertar-se, indo a caminho de Reykjavick.—(Americana).

O estado sanitario da Inglaterra

LONDRES, 19.—O director geral dos Serviços de Saude, sir George Newman, no seu relatorio anual, diz que o estado sanitario na Gran Bretanha foi bom durante o ano de 1933.—(Havas).

A expedição ao Himalaia

BERLIM, 19.—Chegaram a Munich os sobreviventes da expedição ao Himalaia. Declararam que são muito importantes os resultados cientificos que obtiveram.—(Havas).

O incendio do "Morro Castle"

Declarações do telegrafista de bordo

NOVA YORK, 19.—O telegrafista George Alagna, apontado por quasi todos os jornais como um verdadeiro heroi, disse que tomou o rebocador «Tampa» entre vários oficiais do «Morro Castle». Antes de chegar a terra e antes da visita das autoridades judiciais, apareceu a toda a força uma lancha que conduzia os advogados da Word Line proprietaria do paquete, os quais deram instruções aos tripulantes sobre as declarações que deviam fazer. Alagna limitou-se a dizer que contaria toda a verdade. «Como as minhas palavras são comprometedoras — declarou — os oficiais e os advogados da companhia dizem que sou um homem de idéias avançadas, esperando assim diminuir-lhes o valor» (Americana).

Como os grilos da fabula

BUDAPEST, 19.—No mercado de Galatz envolveram-se em desordem os membros das familias israelitas Bergher e Tiff, devido a concorrencia na venda de fruta e a odios antigos, por questões particulares. Entraram em acção pistolas e varas de ferro. No fim da batalha contaram-se três mortos, todos da familia Tiff. Os Bergher, em numero de quatro, foram conduzidos ao hospital. Pouco depois, um unico sobrevivente dos Tiff, de nome Sami, que fôra a casa buscar munições, entrou como um relampago na enfermaria, para o que lançou por terra o pessoal, e matou á queima-roupa os membros da familia Bergher. —(Americana).

A viagem de Getulio Vargas

a Montevideu e Buenos Aires

RIO DE JANEIRO, 19 — Confirma-se que o dr. Getulio Vargas visitará brevemente Montevideu e Buenos Aires. Os jornais dizem que a proxima viagem presidencial terá um alto significado internacional, pois afirmará decisivamente a amizade e a união dos três grandes paises sul-americanos — o seu desejo de progresso pacifico.

O dr. Getulio Vargas não fará apenas uma digressão protocolar. Ocupar-se-á de importantes assuntos que interessam á America do Sul e, reflexivamente, ao resto do mundo.—(Americana).

Viagem de principes

LONDRES, 19.—O principe Jorge de Inglaterra visitou ontem, em companhia de sua noiva, a princesa Marina da Grecia, quasi toda a região de Balmoral.—(Havas).

Os comunistas na Argelia

CONSTANTINA, 19.—Foi preso um grupo de comunistas durante uma reunião a que assistia o deputado Monjauvis, para a distribuição de manifestos revolucionarios.—(Havas).

Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa

Avenida da Liberdade, 21-1.º

Tendo algumas classes e firmas comerciais, das mais modestas ás mais importantes da cidade, pugnado junto desta Associação pela obrigatoriedade do encerramento dos estabelecimentos para efeito de almoço e repouso, resolveu a Direcção, em sua sessão de 18 do corrente, atender a essas solicitações. Todavia, para bem representar a vontade do comercio da capital junto dos Poderes Publicos da Nação, solicita dos srs. comerciantes, *contrarios ao encerramento*, que se lhe dirijam por escrito a manifestar as suas opiniões, até ás 21 horas do proximo dia 22. Os srs. comerciantes que assim se não manifestarem serão considerados em concordancia com o referido encerramento, habilitando, por este plebiscito, a Associação a pronunciar-se assim junto do Governo da Republica.

A. C. L. L., 19 de Setembro de 1934.

O Presidente da Direcção,
Almeida Santos

INSTALAÇÕES IMPORTANTES

Trespassam-se explendidas instalações (lojas) que serviram de escritorios e armazens de importante firma desta praça. A melhor situação no centro da cidade. Informa das 10 ás 17 na R. Fanqueiros, 80. Telefone 2 4283

Fibro-cimento nacional
"LUSALITE"
chapas onduladas e lisas para revestimento de telhados e paredes
Depositarios geraes:
Corporação Mercantil Portugueza, Ltd.
R. do Alecrim, 10
Telefones N. 23948 e 28941

SUM
E' o melhor limpa metais

Dr. Armando Narciso
Clinica medica
PRAÇA RESTAURADORES, 48, 1.º
Telef. 21738

HOTEL MIRAMAR
MONTE ESTORIL
Hotel Costa.—CINTRA

ULTIMAS NOTICIAS

Companhia das Fabricas
Ceramica Lusitania
[illegible] fabricas de bons produtos ceramicos de
[illegible]
Lisboa, [illegible], Coimbra, [illegible], Setubal, [illegible], Portimão e etc.
[illegible]

A AGITAÇAO POLITICA EM ESPANHA

Continua a descobrir-se armamento em varios pontos

Prosseguem as diligencias policiais acêrca do caso de Oviedo

MADRID, 19.—Enquanto o general Fanjul realiza um inquerito no Consorcio de Industrias Militares, para saber em que condições a venda das armas, o seu deposito no Castelo de Cadiz e a sua entrega nos primeiros dias do mês corrente, para o embarque no «Mamelena», o juiz Alarcon prossegue nas suas investigações.

Ainda não está bem determinado qual o caracter da intervenção dos emigrados portugueses neste assunto, tanto mais que parece haver contradições entre as declarações dos presos.

Ao passo que a Imprensa e os elementos socialistas procuram desviar as suas responsabilidades, dizendo que as armas eram destinadas a Portugal, os elementos direitistas apontam os portugueses presos como simples testas de ferro dos socialistas, para cuja revolução fôra comprado o armamento.

A verdade, porém, deve estar no meio.

Tudo indica que, primitivamente, o armamento foi comprado para servir numa revolução portuguesa, o que foi impedido por circunstancias de varia ordem. De resto, os socialistas estavam no poder, quando [illegible] a transacção.

Que se passou depois? Afastados ha largos meses do governo, e querendo voltar a ele pela força, os socialistas propuzeram aos compradores portugueses o trespasse das armas, mediante compensações monetarias. A transacção fez-se, os portugueses que figuravam como compradores foram a Cadiz receber o armamento e embarcá-lo no «Mamelena»—que no alto mar o transferiu para o «Turqueza».

Este ultimo barco, com as 18 toneladas de armas e de munições, largou de Cadiz, passou do Mediterraneo ao Atlantico, passou ao largo de toda a costa portuguesa e da Galiza e foi desembarcar a sua carga bélica nas Asturias, onde os carabineiros conseguiram apreender 4 toneladas de armamento.

E' isto o que parece averiguado pelo juiz Alarcon.—(Especial)

GIJON, 19.—Pelas investigações a que procederam as autoridades locais, verificou-se que o vapor «Turqueza», empregado no transporte de armamento clandestino descoberto em San Esteban de Pravia, foi adquirido pelo maquinista desta cidade, Genaro Alvarez, e pelo piloto bilbaino Manuel [illegible], ambos filiados no partido socialista. As autoridades estão convencidas que os dois referidos socialistas [illegible] simplesmente como intermediarios [illegible] do «Turqueza».—[illegible]

Um barco misterioso

MADRID, 19.—Sabe-se que a Inspecção Geral de Navegação deu ordem telegrafica para toda a costa espanhola, para que o «Turqueza» seja apreendido em qualquer ponto das aguas territoriais em que fundeie.

Parece que o famoso barco paira ainda ao largo da costa asturiana, pois de Oviedo comunicam que deve ser com ele que se tem passado o seguinte caso, que motivou o envio para aquela zona, do torpedeiro n.º 12:

Na altura de Palo Verde, entre os portos de Rivadesella e Llanes, um navio anda ha varios dias e em diferentes direcções, tendo chegado a convencer as pessoas da região de que perdera o rumo. Três vapores da praça de Santander dirigiram-se para o local onde o barco fôra visto, mas não o encontraram.

Na noite seguinte a esta cena, correu em Rivadella que estava em perigo um vapor que fazia sinais com luzes ás pessoas que de terra lhe gritavam e acendiam fogueiras; mas quando umas embarcações o pretendiam socorrer, o misterioso vapor desapareceu, sem deixar qualquer vestigio.—(Especial)

O armamento que falta

OVIEDO, 19.—Continua a ser rigorosa a vigilancia policial, tendo-se efectuado varias rusgas, as principais das quais nos domicilios de dois conhecidos anarquistas.

Assegura-se que 14.000 quilos de armamento e munições que o «Turqueza» conduzia e que não foram apreendidos, se encontram escondidos em Oviedo ou nos seus arredores.

As autoridades realizaram demoradas buscas na mina de São Vicente, onde se dizia que estava grande parte do armamento, e em Sama de Langreo, mas nada conseguiram, tendo-se limitado a prender nesta localidade o chefe socialista Belarmino Tomás, acusado de estar implicado no contrabando de armas.—(Especial)

Um camião com armamento

MADRID, 19.—Proximo da cidade Universitaria, a Policia descobriu esta madrugada um camião que transportava grande quantidade de armas, munições e bombas de grande potencia. O camião era acompanhado por um elegante automovel de luxo que desapareceu mal foi descoberto, tendo primeiramente os seus ocupantes travado um [illegible] com a Policia.

Foram presos dois [illegible] suspeitos que se encontravam nas proximidades, supondo-se que um deles seja o «chauffeur» do camião que transportava o armamento.—(United Press)

Um pormenor interessante

BILBAU, 19.—Um amigo de Echevarrieta, interrogado sobre quais seriam as promessas que poderiam ter levado aquele negociante a entregar a tres emigrados portugueses o meio milhão de pesetas, declarou constar-lhe que eles se resumiam na concessão do monopolio da exploração do jogo em Portugal, no caso de triunfar a revolução a que o armamento comprado se destinava.—(Especial)

1.600 balas num comboio

MADRID, 19.—Anuncia-se que debaixo da almofada do assento do expresso de Santander, foi encontrada pelo revisor uma caixa com 1600 balas para espingarda.—(United Press).

Jose Blanes outra vez preso

MALAGA, 19.—José Blanes, que se celebrizou por ter cortado a cabeleira ao deputado e conselheiro da Generalidade catalã, sr. Ventura Gassol, fugindo em seguida para Portugal—foi detido mais uma vez, a pedido da Direcção Geral de Segurança, pela sua acção politica como membro da «Falange Espanhola» organização fascista.

José Blanes, depois de prestar declarações no Comissariado da Policia, ingressou na cadeia desta cidade.—(Especial)

Dois oficiais superiores detidos

MADRID, 19.—Foi ordenado a dois oficiais superiores do Exercito que não saiam dos seus domicilios, onde serão interrogados acêrca do desaparecimento de armas portateis, e em especial de metralhadoras. Só dum estabelecimento militar desapareceram catorze destas armas.—(Especial).

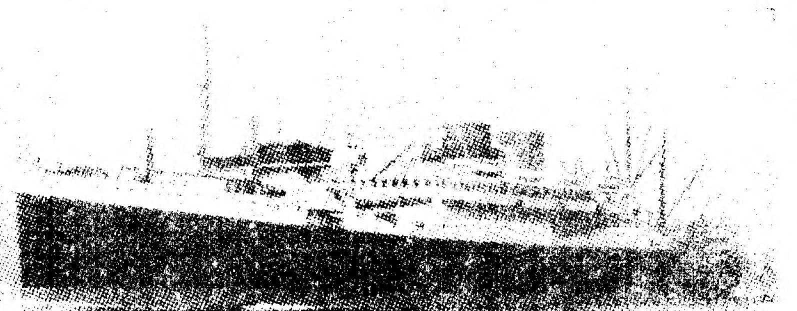
Prisão de [illegible] vascos

[illegible], 19.—Foram presos por terem tomado parte nas eleições para a constituição do Comité Interprovincial Vasco, [illegible] de varias municipalidades desta provincia.—[illegible]

Greve que termina

LEON, 19.—Terminou a greve geral que ha dias fora decretada, em virtude da guarda de assalto [illegible] um chauffeur.—(United Press).

A viagem do sr. Cardial Patriarca



O «Highland Brigade», a bordo do qual segue viagem para a America do Sul o sr. Cardial Patriarca

O sr. dr. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardial Patriarca de Lisboa, embarcou esta tarde, pouco depois das 17 horas, no «Highland Brigade», da Mala Real Inglesa, para Buenos Aires, onde vai tomar parte nos trabalhos do Congresso Eucaristico Internacional.

A viagem do Cardial Patriarca tem outro aspecto muito importante para nós: é que Sua Eminencia foi convidado pelo governo brasileiro e por alguns Estados do país, [illegible] o Brasil, antes de regressar á Europa.

A [illegible] palacio do Campo dos Martires da Patria [illegible] hoje, tendo desfilado pelo Patriarcado, onde foram recebidas centenas de cartões e de [illegible] numerosos sacerdotes.

O sr. Cardial Patriarca saiu do Patriarcado pelas 17 horas, acompanhado pelos srs. cónego dr. Manuel Anaquim, vigario geral, dr. Carneiro de Mesquita, secretario particular de Sua Eminencia, dr. Homero Monteiro, mestre de cerimonias da Sé, cónego Joaquim Alberto e monsenhor [illegible] Reis, que tambem vão ao Congresso Eucaristico.

Num [illegible] Sua Eminencia até Alcantara [illegible] do Seminario [illegible].

Tapetes e carpetes Zagal
fabricados em Belas
Casa Elisio Santos — R. Sapateiros, 32

A entrada da Russia para a S. D. N. e os comentarios dos jornais

PARIS, 19.—Pode dizer-se que, com excepção apenas de alguns cepticos, as palavras de Litvinoff proferidas ontem na Assembleia da S. D. N. causaram satisfação aos jornais. A oposição que se manifesta da parte de alguns jornais conservadores só se observa nas descrições um tanto irónicas da cerimonia de admissão da delegação sovietica. Mesmo entre esses jornais alguns não hesitam em fazer um esforço de compreensão a favor da politica que levou os Sovietes a Genebra.—(Havas).

PARIS, 19.—Os jornais descrevem diversamente a entrada da delegação sovietica na sala de sessões da Assembleia da S. D. N. Assim, o «Journal» diz que «algumas palmas atraíram a atenção da assistencia para um pequeno grupo de três pessoas, que subrepticialmente tinham penetrado na sala: eram Litvinoff e os outros dois delegados russos».

O «Petit Parisien» diz que na sala se ouviram alguns aplausos. A atmosfera era um tanto tensa. De repente houve risos quando Sandler, presidente da Assembleia, incitava gravemente os delegados sovieticos a ocupar os seus lugares depois de já estarem sentados havia três minutos.

Titulesco, ministro dos Estrangeiros da Romenia, foi o primeiro a [illegible] os seus novos colegas, apertando-lhes efusivamente as mãos.—(Havas).

GENEBRA, 19.—Os comentarios da Imprensa francesa acêrca da entrada da U. R. S. S. para a Sociedade das Nações são até agora bastante [illegible].

O jornal semi-oficial [illegible] a admissão [illegible] daquele organismo [illegible] [illegible] a S. D. N. [illegible] em bases pacificas. [illegible] «Information» [illegible] a entrada dos Sovietes na S. D. N. dizendo que tal facto [illegible] o equilibrio na Europa.—(United Press).

PARIS, 19.—A proposito da entrada da Russia para a S. D. N. o jornal [illegible] «L'Ordre» escreve o seguinte: «A U. R. S. S. existe como [illegible] que temos de levar em linha de conta. Alem disso, esse enorme [illegible] como garantia da sua [illegible] grande necessidade de paz».

O jornal «Les Débats» manifesta-se assim: «Estamos em presença duma Alemanha em regime de mobilização guerreira. E' preciso não esquecer que a sua violencia pode expandir-se dum momento para o outro. E' necessario que nos preparemos. O dia de ontem, embora tivesse de [illegible], foi já uma parte dessa preparação».—(Havas).

Litvinoff começa a intervir

GENEBRA, 19.—O novo delegado da U. R. S. S. junto do Conselho da Sociedade das Nações, sr. Litvinoff, assistiu esta manhã a uma reunião secreta daquele organismo, na qual se tratou da questão do plebiscito do Sarre. Durante a reunião, Litvinoff fez varias preguntas, a fim de saber qual a assistencia que deve ser prestada aos comunistas e socialistas residentes no Sarre.—(United Press).

ás 5 horas chá
PATISSERIE VERSAILLES

BLOCO H DA COSTA

GADO BRAVO

JORNAL DO BLOCO H. DA COSTA

NÚMERO ÚNICO | Director e editor: ANTONIO LOPES RIBEIRO | Setembro de 1934 | Redacção, composição e impressão: RUA DA ROSA, 57 — LISBOA | GRATIS

O PRÉMIO DA VITÓRIA

Foi tal o êxito alcançado pelo primeiro numero dêste jornal — numero que se destinava efectivamente a ser «unico» — que o Bloco H. da Costa decidiu estreitar mais ainda as relações que o prendem ao Publico Português, com a publicação dum segundo.

De facto, entre o Bloco H. da Costa e o Publico Português estabeleceu-se um pacto de amizade que nada pode perturbar. Foi pensando nêle, principalmente nêle, que foi posta de pé a primeira produção do Bloco H. da Costa. Compreendendo-o, o publico tem correspondido da maneira mais significativa: enchendo todas as noites o Tivoli de Lisboa e o São João do Porto.

O que é «Gado Bravo» e quanto vale, já toda a gente o sabe. Nenhum espectador saiu da sala descontente. Nenhum português que ainda não viu o filme pode perder pelo que lhe digam, a vontade de o ver. Por essas praias e termas lavra o maior entusiasmo. Já todos sabem que, de regresso a Lisboa ou ao Porto, podem assistir a um espectáculo que os satisfará por completo, pelo seu portuguesismo saudável, pela sua alegria de boa agua, que não recorre á chalaça grosseira para provocar as mais espontaneas gargalhadas, e pelas suas qualidades técnicas, que o põem muito acima da produção corrente, mesmo da produzida por grandes firmas estrangeiras.

De facto — e, após a consagração do publico e o consenso da critica, não nos fica mal dizê-lo — poucos filmes reunem tantas condições de agrado como «Gado Bravo». Todos os elementos que o constituem foram estudados e doseados de forma tal que o seu conjunto resulta verdadeirameite excepcional, tocando, não só a grande massa do publico, mas a sensibilidade das elites. Seguindo uma fórmula cujos perigos faziam hesitar os produtores, mas que o êxito de «Gado Bravo» provou ser exceletne, foram incluidos no mesmo filme, quer em violentos contrastes, quer em suaves transições, as situações mais diversas, que vão da mais hilariante fantasia (a acidentada viagem de Jackson, a explosão do automóvel, a cena da rã e as suas imprevistas consequencias), até ao drama profundamente humano, passando pelo lirismo mais romantico. Assim, num mesmo espectáculo, o espectador experimenta, sem sofrer choques inoportunos e desconcertantes, todas as sensações que lhe são caras.

E' claro que semelhante construção só poderia ser defendida graças a uma técnica superior de filmagem e montagem, e a uma interpretação muito cuidada. Felizmente, em «Gado Bravo», ambas as coisas se verificam. O filme alcançou assim uma brilhantissima vitoria, no dominio cinematografico propriamente dito. E o publico, assinalando o seu contentamento, fazendo inteira justiça ao esfôrço dispendido, compreendendo que, sem sacrificar de nenhum modo as suas aspirações artisticas, os obreiros de «Gado Bravo» haviam feito tudo para ir ao encontro do seu gosto — do seu «verdadeiro gosto», que está bem longe de ser o complexo de predileções grosseiras e de insuficiencia emocional com que se desculpam os mixordeiros do espectáculo em Portugal — ha mais de seis semanas que acorre, com uma regularidade pasmosa em relação ao adiantado da época, ás bilheteiras do Tivoli e do São João, enchendo todas as noites os dois melhores cinemas do país.

E' o prémio da vitoria.

CAMPINOS, desenho de JOSÉ ROCHA

TODOS aqueles que duvidam — se ainda ha quem duvide — da vantagem de apresentar filmes falados na lingua nacional, têm em «Gado Bravo» uma prova flagrante da legitimidade do ponto de vista dos que, como nós, defendem o cinema português.

Siegfried Arno foi o cómico mais popular da Alemanha pre-hitleriana. Todos ou quasi todos os seus filmes vieram a Portugal, obtendo sistemáticamente um grande êxito. Não havia cinéfilo que desconhecesse a silhueta inconfundivel do engraçadissimo artista, e que não fôsse capaz de desenhar o seu perfil unico no mundo — tão unico, que Arno começa com êle a sua assinatura. Principalmente, a série de comédias de Anny Ondra em que Siegfried Arno desempenhava com tanto brilho os segundos papeis, popularizaram-no em Portugal. Pelo menos, tal era a convicção de todos os cinéfilos.

Comentários ouvidos durante os intervalos do Tivoli, convencem-nos do contrario. O grande publico ainda não tinha reparado em Siegfried Arno — e, com certeza, ainda o não tinha «sentido». Mas bastou que êle aparecesse num filme português, falando a nossa lingua, para que não só a sua popularidade aumentasse extraordinariamente, mas para que o seu cómico» fôsse compreendido, desde a construção da sua «linha» até ás mais delicadas nuances.

MUITOS turistas americanos, ingleses, alemães, franceses, italianos, daqueles que os paquetes começam a despejar sobre Lisboa com lisonjeira regularidade, têm aparecido no Tivoli, interessados, não só pelo facto da toirada do «Gado Bravo» ser «the only bullfight in town» — a unica toirada da cidade — mas pela voz corrente, já chegada ao estrangeiro, de que o filme do Bloco H. da Costa é, realmente, um filme digno de ver-se.

Aavaliar pelo que dizem á saída, não têm saído desiludidos, mas entusiasmados, com o espectáculo portuguesissimo, inédito para êles, que o Tivoli lhes oferece.

— «Ça, c'est un film de catégorie» — dizia ha poucos dias uma senhora francesa. Um filme de categoria. O Bloco H. da Costa não podia desejar melhor elogio da parte de quem nem sequér compreende a nossa lingua.

★ ★ ★

ATROANDO os ares com característicos toques de clarim, tem andado pelas ruas de Lisboa e pelas estradas circumvizinhas, alvoroçando praias e feiras, um automóvel decorado pelo desenhador José Rocha — a quem se deve a linda ornamentação da fachada do Tivoli — em que se réclama o filme do Bloco H. da Costa.

Ha dias, passava êle numa das maiores artérias da Baixa, alguém ouviu esta conversa entre dois conhecidos aficionados:

— Vais logo ao toiros?

— Aos toiros?! Em Setembro?!

— Refiro-me á toirada do «Gado Bravo», no Tivoli. O cinema resolveu o problema que nos preocupa: dar todos os dias uma boa toirada, com bons toiros, bons ferros e com a casa cheia, seja diurna ou nocturna. Ha trinta anos que vou a todas as praças de Portugal e Espanha. E olha que nunca vi uma toirada que me interessasse tanto.

★ ★ ★

PARA os amigos fiéis do Bloco H. da Costa, — tão fiéis como desinteressados, — que fazem ponto de honra em aparecer todas as noites pelo Tivoli — não na mira de constituir uma tertulia demolidora, uma panelinha derrotista e maldizente, mas atraídos simplesmente por essa espécie de magnetismo que irradia de todas as obras colectivas — «Gado Bravo» oferece dois espectáculos: o do filme, sempre igual, mas que êles não se cansam de vêr, e o do publico, sempre diferente, mas cujas reacções surgem infalivelmente, nos mesmos momentos e da mesma forma.

Ouvir as gargalhadas do publico durante o passeio de automóvel, o encontro de Nina e Manuel Garrido, a bebedeira de Jackson, as cenas com Mariana e Joaquim e a famosa perseguição, com a vaca á solta nas ruas da aldeia; «ouvir os seus silencios» nas cenas culminantes de emoção; o murmurio que acompanha a projecção de certas imagens — é uma interessantíssima experiencia, que prova cabalmente que o publico português possui, e em elevado grau, uma sensibilidade merecedora dos melhores espectáculos.

ANTONIO Lopes Ribeiro, o feliz realizador de «Gado Bravo», vai publicar nos primeiros dias de Outubro o seu primeiro livro. Um livro em que o leitor curioso das coisas do cinema encontrará matéria nova, ainda não tratada em nenhuma obra da especialidade.

Pretende o autor apresentar a arte a cujo estudo se dedica de ha longos anos para cá, como uma «arte exacta», noção que a leitura do livro esclarece por completo.

Um dos capitulos, intitulado «Elementos de montagem», está destinado a provocar um grande interesse, pela absoluta novidade da teoria e pelo aspecto eminentemente prático com que é tratada.

O livro de Antonio Lopes Ribeiro intitula-se «A B C do Cinema», e é editado pela Sociedade Editorial A B C.

★ ★ ★

TRABALHA-SE activamente na «dobragem» em lingua castelhana do filme «Gado Bravo», versão espanhola que será apresentada no proximo mês de Novembro, simultaneamente em Barcelona e em Madrid. Nesta ultima cidade, o filme passará no luxuosissimo Palacio de la Musica.

Além da versão espanhola, serão executadas: uma versão francesa, que será feita em Paris, e se destina á reprise (visto que o «Gado Bravo» passará em exclusividade no cinema Les Miracles na versão original portuguesa com legendas sobre-impressas); uma versão alemã, que será feita em Viena de Austria, e se destina aos países de lingua alemã.

★ ★ ★

«GADO Bravo» já foi exibido em várias cidades e vilas da provincia, obtendo em toda a parte o êxito mais acolhedor. Nas Caldas da Rainha, na Figueira da Foz, na Nazareth, as colónias balneares saudaram entusiásticamente o filme do Bloco H. da Costa, que bateu todos os «records» das receitas registadas naquelas localidades, mesmo por filmes portugueses. No Ribatejo, onde já se exibiu em Santarém, Alhandra e Vila Franca de Xira, o êxito é em tudo equivalente.

Prova-se assim que o filme de Antonio Lopes Ribeiro tem condições de agrado em qualquer ponto do país onde se exiba, e não exclusivamente em Lisboa e no Porto.

«Gado Bravo» será exibido brevemente no Fundão, na Covilhã e em Alcobaça.

★ ★ ★

ENTRE as muitas pessoas para quem «Gado Bravo» representa alguma coisa de novo e de importante na história do cinema português, há que salientar a opinião autorizada dos reporters-fotográficos e dos fotógrafos de arte, para os quais o trabalho técnico do filme, valorizado pela qualidade impecável das imagens, foi motivo do mais expansivo jubilo.

Dá gosto ver profissionais competentes, de indiscutida sensibilidade artistica, como Deniz Salgado, Ferreira da Cunha, Salazar Deniz, Mário e Horácio Novais, Raimundo Vaissier, José Mesquita, Antonio Mendes, (para citar apenas, pêle-mêle, aqueles a quem ouvimos impressões) elogiar sem reservas uma obra portuguesa, alheados do espirito de camarilha e de maledicencia que tanto prejudica outras classes.

★ ★ ★

COM a exibição de «Gado Bravo» têm acontecido factos absolutamente inéditos na história do cinema português. Pela primeira vez se verificam casos — a que o Antonio Ribeiro chama «de reincidencia» — de espectadores que viram, «pagando o seu lugar», duas, três, quatro, cinco e mais vezes o filme, quer em Lisboa quer no Porto.

O récord homologado até á data, pertence a um camiseiro famoso da rua Ivens, cinéfilo incorruptivel, que já viu nada menos de «nove» (9) vezes o filme do Bloco H. da Costa, acompanhado pela familia «au complet»!

E afirma que ainda não fica por aqui.

★ ★ ★

NOS primeiros dias de Outubro seguem para o Brasil as cópias destinadas á exibição de «Gado Bravo» naquele país, em dois dos maiores cinemas do Rio e num dos principais cinemas de S. Paulo. H. da Costa seguirá para o Brasil a bordo do «Graff Zeppelin», afim de assistir á estreia do filme e de inaugurar a Agencia H. da Costa do Rio de Janeiro.

UM FILME INVULGAR

DOURO, FAINA FLUVIAL

por ANTONIO LOPES RIBEIRO

Não pode ter escapado aos espectadores mais incautos o facto do primeiro programa do Bloco H. da Costa ser exclusivamente constituido por filmes portugueses.

De facto, é o primeiro programa português 100 por cento que passa nos cinemas do país. Ao lado de «Gado Bravo», filme de fundo — tirado do fundo do coração daqueles que o criaram... — dois complementos produzidos em Portugal, por artistas portugueses, passam nas telas do Tivoli e do São João.

Mafra e os seus famosos carrilhões — curioso documentario, muito bem realizado e montado, em que a câmara de Manuel Luís Vieira focou interessantissimos aspectos da famosa basilica joanina — e *Douro, faina fluvial* — um filme que qualquer país do mundo gostaria de incluir nos seus anais cinematográficos.

Revindico para mim o galardão de ter sido o *descobridor* dêsse excelente documentario português e a honra de ter sido o primeiro a apresentá-lo em publico, no espectáculo cinematográfico organizado no Cinema Central de Lisboa por ocasião do III Congresso da Critica. Os congressistas, entre os quais figuravam algumas das maiores autoridades cinematográficas da Europa, ficaram positivamente deslumbrados. Emile Vuillermoz consagrou-lhe no «Temps», no «Excelsior», no «Candide» e no «Radio-Magazine» artigos mais que lisongeiros. E, pessoalmente, afirmou-me que Manuel de Oliveira e Antonio Mendes lhe pareciam, a avaliar pela sua primeira obra; «os dois jovens cineastas mais dotados que, ao tempo, era possivel apontar» (sic).

A excessiva modéstia dos seus autores e (porque não dizê-lo?) a incompreensão total da arte cinematográfica caracteristica da grande maioria dos exploradores de cinema, fizeram com que o seu filme recolhesse a penates desde 1931 até á data. Os distribuidores e exibidores nem sequer o desprezavam: ignoravam-no.

H. da Costa, que só este ano viu o filme, teve ensejo de reparar, brilhantemente, êsse deslise da colectividade [illegible] só o apresentou no seu programa de honra — o seu primeiro programa de filmes portugueses — [illegible] espontaneamente á disposição dos seus autores os aparelhos, os artistas e os técnicos do Bloco afim de que «Douro, faina fluvial», filme silencioso, se transformasse num fonofilme moderno, com voz propria. O Prof. Luís de Freitas Branco, autor da musica portuguesa de «Gado Bravo» e que dirigiu pessoalmente em Paris a sua sonorização, compôs expressamente uma partitura destinada a acompanhar as imagens do filme de Manuel de Oliveira e Antonio Mendes. Se é certo que estes não poderiam ter melhor interprete, Luís de Freitas Branco não poderia encontrar mais digno tema a que aplicasse o seu talento.

Nós, os poucos que vimos o filme silencioso, podemos afirmar quão grande foi o aumento de interêsse espectacular que, sem prejuizo do seu nivel artistico, lhe proporciona a felicissima adaptação musical do Prof. Luís de Freitas Branco. A musica, casando-se maravilhosamente com as imagens, evidencia o equilibrio e a unidade do filme. Passando pelos mais tipicos motivos do folclore nortenho e pelos mais arrojados e inteligentes temas de concepção moderna, a partitura do *Douro* veio enriquecer a obra dum Mestre a que faltava, na sua carreira dum ecletismo prodigioso, a consagração cinematografica que conquistou agora com tanto brilho.

Apesar do handicap terrivel da idade (os filmes envelhecem depressa, infelizmente), «Douro, faina fluvial» é uma revelação para o grande publico, que está farto dos malfadados «cem metros» — ou *sem méritos*. Apresentando-o ao lado de «Gado Bravo», H. da Costa dá mais uma vez prova do seu bom gosto, do seu espirito de iniciativa — e da imparcialidade dos seus intuitos de produtor.

De facto, «Gado Bravo» é um espectaculo tipico do sul. O Ribatejo, embora fique ao centro do mapa, é a mais *meridional* das nossas provincias. O seu «sangue toureiro» só pode comparar-se (e a seu favor) com a alma andaluza. Não é por simples matáfora que os aficionados chamam a Vila Franca de Xira a «Sevilha Portuguesa». Nós, que durante seis mezes vivemos debruçados sobre o povo e a vida da «Borda d'Agua», compreendemos a justeza do epiteto.

Natural do Sul, como o autor destas linhas (e de Lisboa, o que é pior...), H. da Costa está, como eu proprio me prezo de estar, muito acima das rivalidades bairristas que sisionam certos aspectos da vida portuguesa e, notòriamente, o cinema. São suas estas palavras, pronunciadas ao microfone da Sonora-Radio, do Porto, em Agosto do ano passado:

«...um espirito progressivo que permite, muitas vezes, que o Porto seja um percursor no nosso país em certos ramos de actividade humana, como o foi, por exemplo, na industria do cinema, e uma energia na perseverança, um fogo interior que, sendo dificil de fazer alastrar a quem o não pode sentir, isola, por vezes, o Porto num grande facho de pé, dando lugar a que se forme, no Sul, a lenda do bairrismo portuense, que é afinal simples patriotismo, do mais puro, do mais acrisolado.»

Manuel de Oliveira e Antonio Mendes são do Porto. A sua paixão pelo cinema, que tem neles dois dos seus mais ferverosos adoradores, leva-os, ha muitos anos já, a dispender com ele somas consideraveis — espécie de tributo que esse deus terrivel e venal não perdoa aos seus mais dedicados crentes.

Amadores, no alto sentido da palavra, produziram, sem ajudas de qualquer ordem, um filme silencioso que representa, sem duvida alguma, a mais alta expressão do cinema silencioso português, e uma das mais interessantes e mais sérias tentativas do chamado «cinema de vanguarda».

Contra o que pode imaginar-se, Manuel de Oliveira e Antonio Mendes não figuram — nem figuraram, nunca — entre os idólatras do «angulo exquisito». Servidos por uma rara intuição, surpreenderam os mais intimos segredos do cinema. Compreenderam que, num filme, cada coisa tem o seu lugar, determinado por leis ainda não enunciadas, mas a que não pode escapar qualquer composição cinematográfica digna dêsse nome.

Alguns trechos do «Douro, faina fluvial», são notáveis pela escolha dos angulos, proporções e movimentos das figuras, e pela segurança da montagem.

Num livro que preparo, intitulado «A B C do Cinema», e em que procuro enunciar e discutir algumas dessas leis a que me refiro acima, foi com o maior prazer, e levado pelo mais elementar espirito de justiça, que citei o filme de Manuel de Oliveira e Antonio Mendes como um dos melhores exemplos que conheço da montagem «lirica» enunciada por Tcherwiakov e tão brilhantemente aplicada nos seus filmes.

A obra dos dois jovens cineastas portuenses filia-se sem favor na escola russa, ao lado, de tantos e tão curiosos ensaios que tive ocasião de admirar na A. R. K. de Moscóvia (Associação Revolucionaria do Cinema).

Mas o mais curioso é que nenhum dêsses filmes passou jamais em Portugal nem em qualquer outro país europeu onde os autores do *Douro* pudessem sofrer-lhes a influencia ou aproveitar das suas magnificas lições. Aliás, isso seria perfeitamente legitimo. E se o faço notar, é apenas para deixar integro, em toda sua explendida originalidade, o altissimo valor de «Douro, faina fluvial,» filme português.

ANTONIO LOPES RIBEIRO

«GADO BRAVO» NO RIBATEJO

No Ribatejo, durante a filmagem de «Gado Bravo», a équipe do Bloco H. da Costa habitou, em Samora Correia, o Paço que foi de D. Miguel e onde está hoje instalada a Companhia das Lezírias. No primeiro dia, quando os alemães souberam que estavam numa antiga residencia real, não descansaram enquanto não viram, uma a uma, todas as salas e dependencias.

Alguém, bom cicerone, mas fraco cultivador da lingua de Goethe, explicava num alemão muito relativo a utilização de cada quarto no tempo de El-Rei.

— Aqui, dizia, era o quarto do Sr. D. Miguel... Aqui, dormia muita vez D. Carlota Joaquina...

A visita continuou até que se abriu a porta dum cubiculo.

— Aqui... — ia começar o nosso amável guia.

— Perdão, — interrompeu Gärtner muito sério. Desta casa preciso eu para camara escura.

* * *

Correia de Matos, administrador da produção, por várias vezes recebeu reclamações do caseiro da quinta do Farrobo, que protestava contra o furto desvairado das uvas das vinhas, que guarneciam a encosta.

Atribuindo muito belamente á gulodseima dos vários técnicos e artistas hospedados na quinta as misteriosas desaparições, Correia de Matos fez ao jantar um discurso severo. Todos protestaram. Nenhuma consciencia se acusava...

Mas as uvas continuavam a desaparecer, a olhos vistas...

Correia de Matos resolveu pôr-se á espreita para surpreender o gatuno em [illegible].

[illegible] surpreendeu mesmo! Era um burro, o «Farrobo», que se adquirira para figurar em determinada cena do filme, e que, altas horas da noite, abria a porta da cocheira com os dentes, papava as uvas, e voltava para a cocheira, com o ar de quem é incapaz de quebrar um prato!

Provou-se assim que os membros do Bloco estavam inocentes — e que os burros não são tão burros como se supõe.

* * *

O Luís Nunes, fotografo do Bloco, além dum chapeu mole que transformara em album de autografos, ocupava-se de outras coisas obsoletas. Por exemplo: convencer os campinos, tão valentes e dedicados como ingénuos, que o Arthur Duarte já tinha estado na America onde combatera contra os peles-vermelhas.

Um dia, como um criado chegasse tarde com os cavalos ao lugar da filmagem, Arthur Duarte, que era, além de assistente geral, a pontualidade personificada, repreendeu-o àsperamente.

Contra o costume, o criado ficou a resmungar. O Luís Nunes aproximou-se surrateiramente e segredou-lhe só isto:

— Você tome cuidado com o Duarte. Olhe que êle, uma vez, na America, matou quatro indios a tiro e dois á facada, só porque tinham dito que êle não era fotogénico...

E nunca mais se esperou pelos cavalos.

* * *

Na primeira noite em que a équipe dormiu no palácio que foi do conde de Farrobo, e onde a gente dos arredores diz que aparece a alma penada do fidalgo, Siegfried Arno envolveu o corpo magro num lençol, pegou numa lanterna, e andou pelo jardim chamando com voz «do outro mundo»:

— «Je suis le propriétaire du chateau!...

— «Je suis le proprietaire du chateau!...

No dia seguinte, era voz corrente em Vila Franca que voltara a aparecer o fantasma do conde.

Não pode ser! Diziam os mais cépticos.

Vi-o com êstes dois! Jurava uma rapariga da quinta. E ouvi-lhe a voz... Até falava «fantasma»!...

EM LISBOA
é no
TIVOLI
que se exibe
todas as noites
GADO BRAVO
Matinées às 5.as, sábados e domingos

NOTÍCIAS DE[...]

O q[...] o BLOCO H. [...] e o qu[...] o seu seg[...]

A entrevista com H. da Costa publicada ontem pelo «Diario de Lisboa», pôs em ebulição, tal como fôra previsto pelo jornalista, o meio cinematográfico português.

Bastava o facto de tratar-se dum novo filme português para interessar o publico. Tratando-se dum novo filme português do Bloco H. da Costa, não é exagêro dizer que êsse interêsse redobrava. Tratando-se do «primeiro grande filme da Africa Portuguesa», produzido pelo Bloco H. da Costa — avalie-se o que a noticia representa.

Para perfeito esclarecimento do leitor, começaremos por dizer o que é e o que se propõe fazer o Bloco H. da Costa.

O Bloco H. da Costa, fundado em Abril de 1933 pelo português de que usa o nome, não é uma organização capitalista, companhia, sociedade, ou coisa que o valha. E' unica e simplesmente, um grupo — um «bloco» — de técnicos e de artistas que se reuniram sob a égide e a direcção de H. da Costa com o unico fim de produzir, a expensas do seu proprio esforço e apoiados exclusivamente pelas disponibilidades de H. da Costa, filmes portugueses dignos dêsse nome. Isto que, a-pesar-de ter, já sido dito e escrito em letra de fôrma, é ignorado pela maioria do publico, explica, justifica e enobrece muita coisa que, ampliada pela lupa do boato, serviu de pasto, durante a realização de «Gado Bravo», á cavaqueira ociosa das esquinas.

Distingue-se no entanto o Bloco H. da Costa das «sociedades artisticas» habituais pelo facto de não ser constituido por um numero fixo e inamovivel de pessoas, de funções e direitos permanentes.

Conhecendo como poucos a mecanica da produção cinematográfica, H. da Costa não quiz sujeitar a organização que fundou ás deficiencias incidentais de cada um dos membros do Bloco. Reservou-se portanto, com o aplauso incondicional de todos os seus colaboradores, o direito de dispôr como melhor entendesse os quadros de tecnicos e artistas necessários á confecção de cada filme, assegurando, é claro, pelo regulamento interno do Bloco, uma absoluta reciprocidade de garantias e de compensações.

Esta fórmula, que não nos repugna classificar de «avançada» no sentido social e economico do termo, permite que cada uma das produções que apareçam com a marca do Bloco H. da Costa sejam elaboradas nas condições mais favoráveis á sua perfeição.

Fundado o primeiro Bloco, tratou H. da Costa de apetrechá-lo convenientemente, adquirindo aparelhos próprios de tomada de vistas e registo de som, assim como o restante material exigido pela moderna técnica de filmagem de «exteriores». Como Portugal não dispuzesse á data

A FACHADA[...]

Pela primeira vez em Portugal, um cinema dec[...] no seu «écran» um filme cinematográfico, á[...] Londres, Nova York... A estreia pode [...] trino e pintou com um gosto exquisito [...] lindo edificio da Avenida da Liberdade, [...] arquitectura. O resultado, de dia ou de n[...] por esta fotografia de Luís Nunes (que fo[...] frescura alician[...]

SENSACÃO!

...ue é ... DA COSTA ...e será ...ndo filme

dum estadio nem dum laboratório compatíveis com a qualidade que entendia dever dar aos filmes do Bloco, H. da Costa viu-se forçado, bem contra sua vontade, a ir rodar ao estrangeiro os «interiores», revelando e montando também aí a película impressionada em Portugal. Mas podemos noticiar desde já que, a partir do seu segundo filme, o Bloco já não terá necessidade de deslocar-se para concluir as suas obras.

O que será êsse filme?

E' essa a notícia que ontem o «Diario de Lisboa» deu em primeira mão aos seus leitores: *O segundo filme do Bloco H. da Costa será o filme da Africa Portuguesa!*

O primeiro grande filme da Africa Portuguesa.

Para realizar êsse filme, cujos exteriores serão completamente filmados em Africa, partirá de Lisboa, em Abril do proximo ano, uma expedição de 40 homens munidos de todo o material necessário ás dificílimas filmagens no Continente Negro. Dispostos a fazerem vida de campanha, seleccionados segundo um critério especial, que exige que nenhum deles tenha ido nunca a Africa. Calcule-se com que frescura serão interpretados os maravilhosos quadros que ela oferece aos viajantes que ousam surpreender-lhe os segredos.

Essa expedição será composta, não só de um nucleo de técnicos e intérpretes cinematográficos, mas dum grupo rigorosamente seleccionado de artistas e cientistas, tudo gente nova, que aproveitará das excelentes condições em que será feita a expedição para estudar tantas e tão curiosas coisas, quem sabe se inexploradas.

Em Angola, para onde se dirige a expedição, aguardam a caravana um grupo dos mais distintos africanistas, entre os quais podemos dizer desde já que figurará o grande caçador Teodósio Cabral, conhecido em toda a Africa do Sul pela sua extraordinária perícia, a sua coragem, a sua espantosa cultura — Teodósio Cabral fala impecàvelmente quatro idiomas europeus, *afrikanisch* (a língua do boers) e catorze dialectos indígenas. Essa falange de especialistas portugueses enquadrará os neófitos seus compatriotas, acompanhando todos os trabalhos.

O sr. capitão Henrique Galvão, director técnico da Exposição Colonial, acedendo ao convite que lhe foi dirigido, não só dará todo o seu apoio á iniciativa de H. da Costa, como cederá o seu proximo romance, «Sol dos Tropicos», para servir de argumento ao grande filme que se projecta.

O Bloco H. da Costa continuará mantendo assim aquilo que já estabeleceu: a luta em prol dos seus três grandes objectivos — Cinema, Publico, Nacionalismo.

DO TIVOLI

...u a sua fachada de alto a baixo para receber ...emelhança do que se faz em Paris, Berlim, ...nsiderar-se auspiciosa. José Rocha cons... «panneaux» que actualmente cobrem o ...speitando a linha, já de si felicíssima da ...te, é surpreendente, como pode avaliar-se ...o fotografo do filme, e a que só falta a ... do colorido.

UM DEPOIMENTO

AFIRMO-O, PORQUE VI!

por DOMINGOS MASCARENHAS

Quando em oito de Agosto passado assisti pela primeira vez, no Tivoli, á exibição do «Gado Bravo»; quando vi sucederem-se no pano branco as suas imagens maravilhosas; quando vi as suas cenas desenrolarem-se, em quadros gritantes de verdade, de movimento, de vida, de beleza; quando verifiquei a exactidão etnográfica do mais pequeno pormenor e a excelencia fotografica e cinematográfica, de cada plano; quando vi enfim, o «Gado Bravo» — não me espantei. Muita gente ficou admirada de que se pudesse fazer em Portugal um filme semelhante, tão certo, tão belo, tão perfeito.

Muitas pessoas ficaram embasbacadas com o salto enorme que a produção portuguesa deu duma assentada, gerando repentinamente um filme tão bom como os bons filmes da produção estrangeira, ha tanto tempo mais bem apetrechada e experimentada.

Mas eu nem me admirei nem fiquei embasbacado. E' que era exactamente aquilo que eu esperava. E essa esperança não era filha dum confiança cega, duma confiança sem motivos, duma confiança que não pudesse ser justificada e explicada.

Porquê? Simplesmente porque segui do principio ao fim a realização do «Gado Bravo», porque vi amiudadas vezes a «équipe» do Bloco em plena laboração, porque assisti passo a passo ao esforço colossal de todos quantos colaboraram no filme, porque verifiquei «de visu» e «in loco» a persistencia, o minucioso cuidado, a disciplina, a caprichosa vontade de obter o maximo e o melhor de todas as pessoas que de qualquer modo contribuiram para que o «Gado Bravo»-projecto fôsse o «Gado Bravo»-realidade.

Vi primeiro como o filme foi estudado, sob a orientação inteligente e diligente de H. da Costa. Observei que o plano de trabalhos fôra pormenorizadamente elaborado, quer sob o ponto de vista da realização artistica, quer na parte respeitante á organização dos trabalhos. Já isso inspirava confiança porque senti desde o início que havia a presidir á realização do filme uma direcção consciente.

Vi depois a «troupe» do «Gado Bravo» partir em demanda das terras escaldantes do Ribatejo. Era uma verdadeira caravana, uma expedição autentica. Camions e automoveis atulhados de tudo aquilo que á primeira vista parecia indispensavel e de muitas mais coisas imprevistas: aparelhos, reflectores, praticaveis «chariots», calhas para «travelings», madeiramentos variados e de utilidade ignorada, malas, malinhas e malêtas, panelas e tachos, caixas de bolacha e de conserva, camas e colchões, caixotes e mais caixotes — um mundo de bagagens. Se os homens levassem espingardas nas mãos e capacetes de cortiça na cabeça, dir-se-ia, que partiam para o coração da Africa a filmar um Trader Horn nacional.

Mas o caso não era para menos. Pude verificá-lo quando fui pela primeira vez a Samora Correia.

Julho ia em meio. O sol parecia que todo o dia estava «a pino», desde tão cêdo e até tão tarde fulgia desabaladamente. A lezíria era um fôrno — custava a respirar. Em plena desolação, num plaino entre um arrozal insalubre e um sobreiral escalvado, fômos encontrar o grupo do «Gado Bravo» estoicamente instalado numas «arraiais» improvisados. Os técnicos trabalhavam tronços nus, e pelo encosto cido e cansado. O ár que filtra parecia que ardia ... finham os lábios gretados e encharcados. Dois bois tombaram nessa tarde, fulminados pelo sol impiedoso. Do arrozal vinham em «raids» zumbidores nuvens de mosquitos e um caparinto passou a tarde num delírio, envolvido em mantas, a tremer e queixando-se num ataque de sezões. O quadro deste passo, excessivamente carregado mas rigorosamente exacto.

Foi neste ambiente doloroso, nestas condições violentas, que a «équipe» do «Gado Bravo» labutou mais de um mês, incansàvelmente. Nada a fazia desanimar. Ferante coisa alguma a vi hesitar.

As exigencias do guião forçaram-na as mais arriscadas provas. Todas foram vencidas com um sorriso nos lábios, no intervalo de dois ditos de espírito. A cena famosa do automovel desencabrestado pela estrada de campo custou a toda a gente dias e dias de aturado esfôrço e á Olly Gebauer contusões e ferimentos por ter sido cuspida do carro em plena filmagem.

O Raul e o Artur viram-se em tratos de polé com os touros com que tiveram de lidar. Ambos sofreram quedas perigosissimas, que só por milagre não foram fatais. Mas ambos faziam das tripas coração, com tanta naturalidade que dir-se-ia nunca terem feito outra coisa na sua vida senão lidarem com cavalos e gado bravo.

E sempre que era preciso fazia-se a mesma coisa vinte vezes ou quarenta, ou punham-se todos a pé de noite ainda para estarem no local de filmagem ao romper do sol, algumas ocasiões afastado do acampamento léguas e léguas. Uns poucos de dias deslocou-se todo o grupo meia duzia de quilometros para lá de Azambuja só para filmar uma cena que no filme dura segundos apenas.

Um mês inteiro perdeu-se em Alenquer por causa do mau tempo. Todos os dias partia a caravana de Vila Franca de Xira, ao romper do dia e só regressava ao Farrôbo noite fechada já. Os dias gastaram-se nas «Aguas», em Alenquer, numa espectativa arreliante com tudo a postos. Durante mais de vinte dias o sol negou-se a aparecer. E durante êsses vinte dias todos almoçaram «sandwiches», «croquettes», ou acepipes semelhantes, muitas vezes a deshoras, por o automovel dos mantimentos ter uma «panne» ou a cosinheira do Farrôbo um achaque. Mas ninguem se queixava, ninguem pensava sequer em se impacientar.

De onde em onde ocorrencias imprevistas vinham complicar as coisas ou transtornar os planos. Assim durante a filmagem da cena do casamento. O povo das Cacheiras, uma aldeia tão pitoresca como bárbara, irritado por vêr a sua igreja servir para uma «mascarada», sublevou-se e embaraçou a realização dos trabalhos. Só á custa de muita diplomacia e paciencia se conseguiu uma relativa acalmação dos animos, que permitiu a filmagem.

Depois, em Paris, a febril actividade do grupo voltou a produzir um maximo. Aí não estive. Mas li muita correspondencia particular que me persuadiu de que, no estudio de Neuilly, as coisas se passavam exactamente como em Samora, em Fanhões ou em Alenquer.

E, enquanto o grupo dos técnicos e artistas se esfalfava desta maneira, numa ansia dignificante de bem servir, enquanto os dirigentes do Bloco se arrasavam, sentados ás suas secretárias, a braços com uma tarefa esgotante de direcção e administração, havia quem pelos cafés e pelas redacções, pelas tertulias e pelas esquinas, se empenhasse em organizar más vontades, em espalhar boatos sornas, em intrigar e mexericar, numa outra faina persistente, mas esta sem beleza nem grandeza.

Até isso se venceu. E o filme foi apresentado ao publico, que logo na noite de gala caprichou em distingui-lo com o entusiasmo dos aplausos e das chamadas e o consagrou em seguida com uma afluencia fiel e segura ás bilheteiras do Tivoli e do S. João.

Eis porque não me espantei quando verifiquei que o «Gado Bravo» era o filme que é. Eu vira como o filme foi realizado. Sabia com que superior critério H. da Costa dirigia a sua produção. Assistira dia a dia á sua laboração cuidada, paciente e laboriosa. A minha velha amizade por Antonio Lopes Ribeiro e uma acidental ligação com o Bloco H. da Costa proporcionaram-me seguir a par e passo a

(Vêr continuação na 4.ª pagina)

«GADO BRAVO» EM PARIS

No estudio de Neuilly, o homem da «claquette», que anunciava os numeros dos planos, não havia maneira de acertar, não só com a pronuncia, mas nem mesmo com a ordem das letras de «Gado Bravo».

Logo após as vozes sacramentais — «Silence! On tourne!... Moteur...» — era fatal ouvir, antes do «start», uma das seguintes variantes:

— Radô Gravô...
— Bravo Gadô...
— Bravo Bravô...
Etc.

Como os inconvenientes não eram nenhuns, nunca ninguém se dispôs a perder dez minutos para ensinar o homem. Todos se haviam habituado já ás suas fantasias linguísticas.

No ultimo dia filmava-se uma das cenas no quarto do hotel, com o «fracas» habitual dos estudios. No meio do silencio geral, com os arcos todos acesos e as câmaras em movimento, a voz do homem ainda pôde ouvir-se:

— Gadô Bravô...

Saiu certo pela primeira vez! E foi tal a surpreza, que irrompeu um ataque de riso geral, tendo a filmagem que ser interrompida durante um bom par de minutos.

* * *

Raul de Carvalho e Luís Nunes foram, tanto em Portugal como em Paris, excelentes companheiros. O Nunes, com o seu optimismo trocista, acirrava constantemente o Raul, que também não é pêco, e jurava vingar-se na primeira ocasião.

Uma noite, quando alguns membros do Bloco assistiam, encasacados, a um espectáculo de gala no Teatro dos Campos Eliseos, Raul de Carvalho resolveu vexar o seu inseparável. E, dirigindo-se ao grupo, declarou, com um ar chocado:

— Este Nunes é impossivel! Faz fiascos sobre fiascos. Imaginem: dá os «bons dias» á noite e só entra pelas «sorties»!

* * *

A estadia em Paris foi menos fértil em anedotas que a permanencia do Bloco no Ribatejo. Por isso, desmentindo o titulo, vamos contar «mais uma» passada nas margens do famoso Tejo.

* * *

Para filmar a cena da taberna, vieram musicos de Lisboa, que um auto-bus levou até ao alto da colina onde o Eppsebitz havia instalado uma autentica ponte para fazer um travelling.

Depois de se ter feito a primeira tomada de vistas e de sons, um dos musicos — o flauta — tomando uma atitude revoltante que os seus colegas foram os primeiros a condenar, declarou triamente que só continuava a tocar se lhe pagassem a hora — já não nos lembra que exagerada quantia.

Como era impossivel substitui-lo, — a tantos quilómetros se estava de Lisboa e até de Vila Franca — Max Nosseck ofereceu-se para o convencer.

Por gestos, com sorrisos e festas deu-lhe a entender que pagaria do seu bolso uma choruda gratificação.

Vendo que a sua triste manobra dera resultado, o homenzinho voltou a soprar na flauta — e a cena foi gravada até ao fim.

Terminada a filmagem, o cavalheiro aproximou-se de Nosseck, todo mesuras, para receber o prometido. Mas Nosseck, israelita cem por cento, olhou-o de alto a baixo e disse-lhe apenas com um arzinho cumplice:

— Eu «também» sou judeu...

NO PORTO
é no
S. JOÃO
que se exibe
todas as noites
GADO BRAVO
Matinées às 5.as e domingos

O LIVRO DE OIRO DE "GADO BRAVO"

A música no filme «Gado Bravo»

por HERCULANO LEVY

O titulo do filme sugestiona só por si! E' o inicio da musica que vamos ouvir, a evocação sortilega, atraz dos sons, da vida ardente ribatejana entre toiros e cavalos, chapadas de sol e nuvens de poeira, a vida que entra vibrante por essas campinas onde a audácia do homem se multiplica na heroica defeza dessa sinistra e permanente ameaça das pontas agudas!

«Gado Bravo» é um filme regional, enternecido e agreste, clareado, aqui, além, por algumas felicissimas abertas de desopilante farça. Senti-o palpitar da primeira á última imagem. Mas, a par das imagens, prodigiosas de arte a mór parte delas, e fundindo-se-lhes de modo que já não consigo separa-las dos sons, a composição musical, garroteou-me os sentidos á obra, ao seu caracter, ás suas cenas, ás suas emoções!

Adivinho em quasi toda a obra, o talento, a mão de mestre, o nacionalismo vigoroso do notavel compositor Luiz de Freitas Branco.

Hans May, seu colaborador, pouco aparece numa ou outra nota curiosissima de musica internacional, exigida pelo conflito da presença dum estrangeiro, com os seus costumes e a sua moral diferente, em plena lezíria ribatejana.

E', pois, o caracter português que domina, não apenas o quadro e a paisagem, mas também o entrecho.

E a musica flui por todas as sinuosidades da acção, criando rítmos ao sabor do que se está passando, despreocupada de descrever cenas, mas sugerindo-lhes o espirito e luminosamente definindo o ambiente, apegada agora ao realismo deste passo, logo obediente ao pitoresco daquele outro, fabricando a seguir motivos que, de jôgo dado com as imagens, nos cocegam até ao explodir da gargalhada...

Esta musica é na verdade uma janela que se abre directamente sobre a criação artistica das cenas do filme. Dir-se-ía por vezes, que são as imagens que práticamente materialisam o musical enlevo, e, ainda bem, Deus louvado! — pois que alguns compassos surgem tão intencionais, que determinam a necessidade duma imediata irradiação visual!

A tourada com a ruidosa alegria das suas marchas, a doce e linda canção-tango de Nina, no «cabaret», em que se reflectem os motivos da fatalidade e que Olly Gebauer canta com deliciosa arte os fados pontilhados na guitarra e tão expressivos na bela voz de Alberto Reis, a marcha dos insurrectos contra a presença hostil da estrangeira, a Canção das Lavadeiras, de pitoresco sabor popular, em sincrono com o bater da roupa e tão de ouvir que decerto se alastrará rápida por todas as cidades onde o filme passar e que é mais uma corôa de aplausos para Mariana Alves, o motivo tipico da rude faina do campo em movimento as debulhadoras após as ceifas, e de que se ergue um coral magnifico, interessante, caracteristico, o fandango inevitavel da região, o sonho de Nina, a belissima «Serenata» duma suavidade aliciante e que flui na garganta privilegiada do tenor Guilherme Kjolner, a evocação parcelada de conhecidos trechos que espiram cómico e alegria, como por exemplo «a varina vai ao conde» que ouvimos ao surgir de Siegfried Arno em «travesti» de peixeira, e, em igual sentilo, o aproveitamento dos graves caricaturais dalguns metais, as pausas significativas, tudo, enfim, até aos gloriosos compassos do final em que tangem e bimbalham sinos — não ha senão supreender, sentir, admirar!

Hans May, já conhecido doutras obras, foi direito ao triunfo.

Mas neste filme, Luiz de Freitas Branco também lá chegou e com muitas mais responsabilidades. Era a primeira vez que compunha para cinema.

Consagrado já pelo talento revelado noutras muitas composições, de indiscutivel beleza todas elas, nem por isso deixou, como artista consciente, de se dedicar a fundo ao estudo desta modernissima modalidade de compositor musical.

Sentiu-se-lhe as aprimoradas cautelas no aplicar das inspiradas melodias, ritmadas segundo as cenas, o trabalho polifónico sempre sugestivo, doseados os volumes dos sons e seleccionados os instrumentos de maneira a que, na transposição fonogénica, resultassem o que a sua arte imperiosamente exigia, e tudo isto de modo a não resistirmos, em definitivo, a endereçar-lhe os «parabens» e torná-los extensivos á casa produtora H. da Costa, que nos deu, finalmente entre nós, um filme de segura técnica cinematográfica, sem rebuços ovacionados pelo publico na noite de gala da sua apresentação.

HERCULANO LEVY
(em «O Visor»)

O QUE DIZ A IMPRENSA

«...Um espectáculo cheio de arte e de emoção, cativante de imprevisto e pitoresco, que, durante duas horas, fazendo-nos vêr toda a paisagem, fazendo-nos sentir toda a vida, fazendo-nos admirar toda a beleza da linda terra ribatejana, durante duas horas alheando-nos da Vida e do Mundo, nos faz brilhar nos olhos, nos faz vibrar na alma, a santa alegria e o sagrado orgulho de nos sentirmos portugueses...

Porque não sei bem como os conspícuos mestres de cinematografia classificarão, artistica e técnicamente, «Gado Bravo» — como bom e rude português que sou, como velho e anfibio tagido que ainda não deixei de ser, «Gado Bravo» é, para mim, o mais belo, o mais sugestivo, o mais aliciante cartaz que, sem ferros de propaganda, Portugal pode afixar por esse mundo fóra, cantando, mostrando, documentando a beleza do Ribatejo — o mais lindo e o mais português desta nossa santa e linda terra portuguesa.

Durante duas horas deliciosas e ligeiras, perpassa-nos pela vista, num encanto e num sonho, toca-nos o coração, num conforto e num enlevo, afaga-nos o ouvido numa caricia melódica, ilumina-nos, num fervor patriotico, o cerebro, num sorriso de vitoria alegra-nos a alma — com palpitações de vida, de luz, de movimento, de côr e de som, num arrebatamento de ufania, num arranque atávico de todo o portuguesismo que nos gira nas veias — o nosso velho, o nosso enraizado, o nosso vivo e eterno amor por este Portugal, tão grande e tão lindo, tão lindo e tão nosso, tão nosso e tão português.»

BRAZ BURITY
(no «Primeiro de Janeiro»)

* * *

Sou um espectador leal, desinteressado (alheado é melhor) do tumulto intimo dos estudios.

«Gado Bravo» — cuja critica está feita — excedeu a minha espectativa.

Está — muito bem.

Se nestes anos mais proximos nos estudios portugueses se não produzisse nada mais sério — já estava bem, já estava suficiente.

E' perfeito, completo, indiscutivel o «fonofilme»?

Ai senhores! Não falemos nisso, nem hoje, nem amanhã. Nesse aspecto são significativas as desilusões que nos mostra o cinema caro, o super-filme estrangeiro.

Não podemos ir além do relativo, no quadro das nossas possibilidades. E é neste estado de espírito que consideramos o «Gado Bravo» um exito consolador, uma afirmação de valores positivos, a andarem para a frente, com a estrêla da fé no alto.

No cinema — hoje — não ha estrangeiros. O trabalho estrangeiro, o homem e a maquina, nacionalizam-se.

Basta que o espírito da obra seja «nacional», mas capaz de todo o mundo o entender. E este requisito, possui-o o «Gado Bravo».

NORBERTO DE ARAUJO
(no «Diario de Lisboa»)

«A fita tem qualidades notaveis e todos temos de auxiliar o pioneiros da Arte do Cinema Sonoro a progredir. E' dificil empreza esta de congregar elementos para chegar a uma realização superior quando tudo está por fazer, por educar, apetrechar e financiar... O cinema é uma «industria-minotauro».

Alguem poderá calcular os esforços dispendidos, as contrariedades e as amarguras dum emprezario de fitas como o «Gado Bravo»? Mas todo o seu trabalho vai ser recompensado e Portugal e Brasil está farto de ver e ouvir fitas em línguas estrangeiras. Centenas de Contos foram dispendidos.»

AMILCAR DE SOUZA
(no «Comercio do Porto»)

* * *

«Fui finalmente ver a fita portuguesa «Gado Bravo» e confesso que fiquei encantada e que ela excedeu quanto esperava encontrar.

Tem defeitos? Decerto, mas esquecem-se por completo contemplando a beleza das fotografias que se desenrolam, e creio devem agradar a estrangeiros, como agradam a portugueses. Eu, que sou ribatejana, habituada a alongar os meus olhos pela vastidão da lezíria, em que a vista se perde como num mar, admirei com sincera emoção a paisagem de que tantas vezes senti a beleza, na manhã clara, no meio dia ardente, ou no doirado entardecer de verão.

São primorosas de luz e de aspectos as fotografias, animadas pelo galopar dos campinos e do gado; muito felizes algumas cenas e toda a fita se vê com interesse, que não afrouxa, apesar de descomplicado enrêdo.»

MARIA DE CARVALHO
(no «Diario de Lisboa»)

* * *

Com você á frente de «Gado Bravo», o êxito anteolhava-se-me seguro, porque sei quanto pode o seu «savoir-faire», o seu bom senso e, sobretudo, a sua inteligencia, que é das mais invulgares do nosso meio cinematográfico, afirmação que me sai dos bicos da pena pela análise que tenho feito de si como distribuidor dos filmes que, sob a sua responsabilidade, têm saído para os «écrans» do nosso País.

Você venceu em «Gado Bravo» porque soube fazer para nós, os não técnicos, uma fita de cinema, que se vê com agrado, que se vê com encanto.

Toda a maravilha de luz e movimento que você põe diante dos espectadores do seu filme atesta um admiravel sentido cinegráfico, que a sua vontade e a sua algibeira permitiram oferecer ao publico português, sempre desejoso de que surja aquêle momento de triunfo que nos coloque á beira dos que marcham á frente, por êsse mundo além.»

ESPECTADOR DA FILA N
(na «Republica»)

* * *

«O «Gado Bravo» é, sem duvida, uma das melhores peliculas portuguesas.»

SINALEIRO
(no «Diario de Noticias»)

* * *

Este filme do Bloco H. da Costa, primeiro duma série que muito sinceramente desejamos ver continuada, não pertence ao numero dos que só podem ser julgados através duma larga indulgencia. Antes pelo contrario: pode sem receio afrontar um julgamento severo porque, se tem defeitos — e de admirar seria que os não tivesse — possue também qualidades que bastam para o impôr.

A primeira delas a assinalar é a utilização inteligente de todos os elementos disponiveis. Sob este aspecto, «Gado Bravo» constitue mesmo um resultado dificil de exceder ou igualar em producções futuras. A realização soube enquadrar artistas estrangeiros de categoria num dos mais tipicos ambientes portugueses.

....

Lopes Ribeiro, desde o primeiro momento em que se consagrou ao cinema, tomou decidida posição entre os revolucionarios da sétima arte. O cinema russo, com os seus poderosos meios de expressão pela tecnica, deslumbrou-o e marcou profundamente a sua sensibilidade. O seu trabalho como realizador acusa, nitidamente, essa influencia. Em «Gado Bravo» ha perspectivas audaciosas, enquadramentos sugestivos, imagens cheias de expressão que não se encontram nos filmes até agora produzidos em Portugal.

MANUEL L. RODRIGUES
(na «Ilustração»)

* * *

«Gado Bravo» interessa a todos os portugueses, especialmente os que amam a beleza da campina e as fainas vibrantes da sua gente. O cinéfilo, a menina romantica, o aficionado á festa brava, todas as pessoas, enfim, que apreciam o cinema como espelho da vida, têm no filme «Gado Bravo» inesgotáveis motivos que provocam o seu agrado incondicional.

(nas «Bandarilhas de Fogo»)

Afirmo-o, porque vi!

(Continuação da pagina central)

realização do «Gado Bravo». Por isso não podia esperar outra coisa, embora não ousasse — confesso-o — esperar tanto.

Entendi que o esfôrço de todos os que trabalhavam para que o «Gado Bravo» seja o que é, merecia este aplauso publico e entendi ainda que o publico devia saber quanto custa fazer um filme que, como o «Gado Bravo», é «um filme» — na pura acepção da palavra e em toda a parte do mundo.

Por isso escrevi este artigo. E por ser verdade o que nêle afirmo, o atesto e assino.

DOMINGOS MASCARENHAS

LIVRO DE CHUMBO

A última do "pobre poeta"

Desde a tão imprevista como inconsequente apreensão do filme «Gado Bravo», á ordem do «pobre poeta», o Bloco H. da Costa tem recebido, de toda a parte, as mais calorosas manifestações de simpatia e os mais vivos protestos contra o ataque inqualificável de que foi vitima. Todo o meio intelectual e artistico, de que o «pobre poeta» se intitulava paladino, repudiou em massa o asqueroso gesto. A propria Sociedade de Autores, não querendo que os seus legitimos direitos sirvam de coberta a semelhantes processos de extorquir dinheiro, alheou-se publicamente da contenda, lavando dela as mãos, como Pilatos.

O Bloco, que sempre manteve aquela serenidade propria de quem tem a consciencia tranquila, confiando, como tinha razão para confiar, na rectidão da justiça portuguesa, aguarda o resultado final do litigio, que será julgado depois de férias.

O que será êsse julgamento! Que estendal de verdades revelarão finalmente as maniganclas do triste individuo? Só nos espanta que fôsse preciso haver alguém que não hesitasse em pô-lo no seu lugar para que aparecessem á luz do dia queixas justificadas ha muitos anos... Porque se calavam, todos aqules que se limitavam, afinal, a tolerá-lo, induzindo em êrro aqueles que, não o conhecendo pessoalmente, viam na sua obra falsos reflexos duma personalidade inexistente?

Mas, como sempre acontece, a ultima do «pobre poeta» é a melhor.

Imagine o leitor que o cavalheiro, cansado de buscar adesões que haviam murchado por completo, mandou a um semanario humoristico certa «versalhada» em que, envergando o hábito imparcial do colaborador esporádico, lamenta a sorte do «pobre poeta», vitima do «capitalista»!

E' espantoso! E mais espantosa é ainda — porque sugere sérias duvidas ácerca da sua propria inteligencia — a despreocupação havida no que se refere ao estilo. O mais incauto reconhece (inconvenientes de possuir «maneira» pessoal...) os rodriguinhos habituais do vate, que alguém classificou, com muito espirito, de «fadista de sala». De modo que é dum cómico irresistivel ler, sabendo que é êle proprio o autor, versos como êstes:

E o sr. Antonio Botto
Veja lá se isto é verdade
E se eu não tenho razão

Mas o pior não é isso — como dizia o Amarante no «Conde Barão».

O «Poeta», que assim se considera e proclama, desafiando as Musas e convencendo-se de que está n.º 1 para o prémio Nobel, escolheu êste pseudónimo de fino gôsto: LUIS DE CAMIOES!...

Como se atreve a intitular-se «poeta», mesmo «pobre», um sujeito que não hesita em deturpar o nome do maior de todos, para assinar gazetilhas impotentes?

A poesia é, como dizia Holderlin, a propria vida — e não apenas um meio de ganhar mal.

Visado pela Comissão de Censura.